



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**  
**CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS**

**DIFERENÇA NÃO É DEFICIÊNCIA LINGUÍSTICA: O TRATAMENTO DO  
ROTACISMO NA FALA E NA ESCRITA DE ALUNOS DO ENSINO  
FUNDAMENTAL I**

Por

**KAMILLA SILVA DIDA**

Itabaiana/SE

2015

**KAMILLA SILVA DIDA**

**DIFERENÇA NÃO É DEFICIÊNCIA LINGUÍSTICA: O TRATAMENTO DO  
ROTACISMO NA FALA E NA ESCRITA DE ALUNOS DO ENSINO  
FUNDAMENTAL I**

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado ao Curso de Letras da  
Universidade Federal de Sergipe, Campus  
Prof. Alberto Carvalho, como requisito à  
obtenção do título de graduado em Letras.

Orientadora: Profa. MSc. Eccia Alécia Barreto

Itabaiana/SE

2015

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Biblioteca Nacional**

---

Dida, Kamilla Silva.

Diferença não é deficiência linguística: o tratamento do rotacismo na fala e na escrita de alunos do ensino fundamental I / Kamilla Silva Dida; orientado por Eccia Alécia Barreto – 2015.

61 f.; 30 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal de Sergipe, Campus Prof. Alberto Carvalho, Departamento de Letras de Itabaiana (DLI), Itabaiana, 2015.

1. Rotacismo. 2. Variação Linguística. 3. Séries Iniciais. I. Dida, Kamilla Silva.  
II. Título.

CDD: 410  
CDU: 81`27`34

---

KAMILLA SILVA DIDA

**DIFERENÇA NÃO É DEFICIÊNCIA LINGUÍSTICA: O TRATAMENTO DO  
ROTACISMO NA FALA E NA ESCRITA DE ALUNOS DO ENSINO  
FUNDAMENTAL I**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Departamento de Letras de Itabaiana como  
requisito final à obtenção do título de graduada em  
Letras Português.

**Aprovado em:** 10/02/2015

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Ma. Éccia Alécia Barreto

Universidade Federal de Sergipe

Orientadora

---








Prof.<sup>a</sup> Ma. Andréia Silva Araújo

Universidade Federal de Sergipe

Membro interno

*Dedico esta conquista, primeiramente, a Deus  
por ser essencial em minha vida e aos meus  
pais pelo apoio e pelo incentivo constante.*

## **AGRADECIMENTOS**

-  **A DEUS**, fonte de todo conhecimento, obrigada pelo dom da vida e por sempre me iluminar e proteger. É a Ele que dirijo minha maior gratidão.
-  **AOS MEUS PAIS**, João e Zenira, obrigada por sempre batalharem pelo meu sucesso, me ensinarem a importância de uma boa educação e me darem ferramentas para conquistá-la, além da dedicação sem pedir nada em troca.
-  **AOS MEUS IRMÃOS E FAMILIARES**, por direta ou indiretamente me apoiarem.
-  **AO NAMORADO**, Héverton Wesley, pelo companheirismo, carinho e incentivo.
-  **À MINHA ORIENTADORA** Eccia Alécia, pelas orientações, pelo incentivo e estima.
-  **AOS PROFESSORES**, do colegial e da graduação, que contribuíram para o meu crescimento profissional.
-  **E AOS AMIGOS**, que de uma forma ou de outra, contribuíram para a concretização deste trabalho.

*As línguas mudam porque não existem “línguas”:  
existem falantes de carne e osso, vivendo em  
sociedades complexas, hierarquizadas, heterogênea,  
e que, eles sim, mudam as línguas – o que torna  
impossível desvincular os fatos de linguagem dos  
fatos sociais.*

William Labov (2008 [1972])

## RESUMO

O rotacismo é um fenômeno fonológico que consiste na neutralização de uma líquida lateral /l/ pela alternância de uma líquida vibrante /r/, mais comuns nos grupos consonantais do tipo CCV, em que C significa “consoante” e V significa “vogal”. Tendo em vista que o ensino de língua portuguesa deve ser pautado nos preceitos de variação linguística (BRASIL, 1998), o presente estudo objetiva verificar a influência da neutralização do traço distintivo do fonema /l/ pelo /r/, da fala para escrita, de alunos do ensino fundamental I de duas escolas públicas da cidade de Ribeirópolis/SE – uma localizada na zona rural, a outra na zona urbana –, para corroborar que diferença linguística não significa “deficiência” e, com isso, verificar como a variação linguística é abordada nas escolas e o grau de monitoramento dos alunos em relação ao uso das variantes trabalhadas, diante de estímulos auditivos e visuais. Apresentamos o fenômeno em estudo a partir de três perspectivas, a saber: dos estudos históricos, fonológicos e sociolinguísticos. Adotamos para presente investigação os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008), além de contribuições teóricas de Faraco (2008), Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2004) e Mollica (2000; 2012). Os resultados da nossa pesquisa, em dados de fala e de escrita, evidenciam que o rotacismo é uma regra variável que depende do contexto silábico em que ocorre e que está condicionada por fatores sociais, como a localidade geográfica e o sexo. Esses resultados revelam um padrão de realização característico de variação estável para o ambiente de ataque complexo.

Palavras-chave: Rotacismo. Variação Linguística. Séries Iniciais.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1:</b> Quadrinho de Chico Bento (Maurício de Sousa).....	14
<b>Figura 2:</b> Contínuo da urbanização (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 52). ....	23
<b>Figura 3:</b> Quadrinho de Chico Bento (Maurício de Sousa).....	25
<b>Figura 4:</b> Quadrinho de Chico Bento (Maurício de Sousa).....	27
<b>Figura 5:</b> Rotacismo no ataque complexo: grupo consonantal CCV .....	28
<b>Figura 6:</b> Supressão no grupo consonantal, $R > 0$ .....	29

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1:</b> Atividade 1 quanto à localidade geográfica – rural\urbano .....	42
<b>Gráfico 2:</b> Atividade 2 a localidade geográfica – rural\urbano .....	42
<b>Gráfico 3:</b> Atividade 3 quanto a localidade geográfica – rural\urbano .....	43
<b>Gráfico 4:</b> Atividade 4 quanto a localidade geográfica – rural\urbano .....	43
<b>Gráfico 5:</b> Atividade 5 quanto a localidade geográfica – rural\urbano .....	44
<b>Gráfico 6:</b> Atividade 1 quanto ao sexo .....	45
<b>Gráfico 7:</b> Atividade 2 quanto ao sexo .....	45
<b>Gráfico 8:</b> Atividade 3 quanto ao sexo .....	46
<b>Gráfico 9:</b> Atividade 4 quanto ao sexo .....	46
<b>Gráfico 10:</b> Atividade 5 quanto ao sexo .....	47
<b>Gráfico 11:</b> Aplicação da variante padrão /l/ em função do sexo.....	48
<b>Gráfico 12:</b> Aplicação da variante padrão /l/ em função da localidade.....	49
<b>Gráfico 13:</b> Aplicação da variante padrão /l/ em função do sexo.....	51
<b>Gráfico 14:</b> Aplicação da variante padrão /l/ em função da localidade.....	52

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1:</b> Aplicação da variante padrão /l/ na análise do fenômeno do rotacismo (SANTANA et al., 2008, p. 151) .....	35
<b>Tabela 2:</b> Aplicação da variante padrão /l/ em função da identidade local (SANTOS, 2011, p. 34) .....	35
<b>Tabela 3:</b> Aplicação da variante /l/ quanto ao estímulo resposta (SANTOS, 2011, p. 36) .....	36
<b>Tabela 4:</b> Aplicação da variante padrão /l/ quanto ao nível de escolaridade (SANTOS, 2011, p. 37) .....	36
<b>Tabela 5:</b> Aplicação da variante padrão /l/ em função da zona .....	49
<b>Tabela 6:</b> Aplicação da variante padrão /l/ em função do sexo .....	50

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>1 VARIAÇÃO E ENSINO: O CENÁRIO DA EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA .....</b>	<b>18</b>
1.1 VARIAÇÃO NA PERSPECTIVA DA SOCIOLINGUÍSTICA .....	18
1.2 SOCIOLINGUÍSTICA E ENSINO .....	24
1.3 ROTACISMO: O QUE É? .....	27
1.3.1 Rotacismo: conhecendo o fenômeno.....	27
1.3.2 Perspectiva Histórica.....	30
1.3.3 Perspectiva Fonológica .....	31
1.3.4 Perspectiva Sociolinguística.....	33
1.3.5 Estudos linguístico-descritivo sobre o rotacismo, realizados na cidade de Ribeirópolis/SE .....	34
<b>2 “QUE CAMINHO SEGUIR?”: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>38</b>
2.1 FORMAÇÃO DO BANCO DE DADOS .....	38
2.2 LOCAL DA PESQUISA DE CAMPO .....	39
2.3 VARIÁVEIS SOCIAIS CONTROLADAS .....	40
<b>3 RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>41</b>
3.1 DIAGNÓSTICO AVALIATIVO SOBRE O USO DO ROTACISMO – LOCALIDADE GEOGRÁFICA: ZONA RURAL VS. ZONA URBANA .....	41
3.2 DIAGNÓSTICO AVALIATIVO SOBRE O USO DO ROTACISMO - SEXO.....	45
3.4 DITADO MUDO .....	49
3.5 DITADO ORAL.....	50
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>54</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>55</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>58</b>
<b>ANEXO A – ATIVIDADE SOBRE ROTACISMO .....</b>	<b>59</b>
ASA BRANCA.....	60
LUIZ GONZAGA .....	60

## INTRODUÇÃO<sup>1</sup>

No português brasileiro há várias pessoas que simplesmente falam diferente das regras prescritas pela norma culta (cf. FARACO, 2008), o que gera a noção do “certo” *versus* “errado”. Entretanto, considerando a heterogeneidade da língua, observando que a língua muda porque varia e que tais mudanças podem ser observadas no interior das diferentes comunidades de fala, condicionadas por fatores de natureza linguística e social (cf. LABOV, 2008), não abordaremos a noção de “errado”, mas de variedades, variantes ou variações linguísticas. A variação linguística pode ocorrer nos níveis sintáticos, lexicais e fonológicos. Um exemplo no nível fonológico é quando algumas pessoas trocam o L pelo R, ou seja, uma letra pela outra em encontros CCV ao falarem, por exemplo: **chicrete**, **pranta**, **frauta**, **probrema**. Assim, ao perceber essa situação, e dependendo do nível de compreensão e consciência dos interlocutores, esses iriam logo “zombar” ou apelidar alguém (cf. BAGNO, 2009). As pessoas que falam ou escrevem “**frauta**”, “**prástico**”, “**ingrês**”, “**crínica**”, “**grobo**” sofrem estigmatização por parte da sociedade, pois as variantes que fogem à norma de prestígio são vistas como marcadores sociais de pobreza, ou melhor, são ligadas às classes desprestigiadas da sociedade. No entanto, se faz necessário compreender que o que ocorre com o falante é um fenômeno fonológico/linguístico, a saber: *rotacismo*. Assim, é possível considerar não, simplesmente, como um “erro”, mas como uma das variações linguísticas do português brasileiro.

Neste trabalho investigamos o *rotacismo*, fenômeno fonológico que consiste na neutralização de uma líquida lateral /l/ pela alternância de uma líquida vibrante /r/, mais comuns nos grupos consonantais do tipo CCV, em que C significa “consoante” e V significa “vogal”. Por exemplo, a realização do vocábulo **chiclete** e **glória** podem alternar da seguinte forma: **chicrete** e **gróia**. Segundo Câmara Jr. (2007), no português, só figuram como segundo elemento de um grupo consonântico as laterais e vibrantes anteriores, também conhecidas como vibrantes simples, por serem realizadas com um *erre fraco*, denominado de tepe /ɾ/,

---

<sup>1</sup> A relevância deste trabalho é legitimada com base em pesquisas anteriores realizada no PIBIC - *Projeto de Iniciação Científica*, voltadas, especialmente, para o ensino de Leitura e pedagogia da variação linguística em escolas públicas, com o objetivo de descrever e analisar a monotongação na zona rural de Ribeirópolis/SE. Além de encontrar o fenômeno fonológico da monotongação também foi registrado o rotacismo, por isso, surge o interesse em investigar este fenômeno fonológico fortemente estigmatizado na escola e na sociedade como um todo.

criando-se diferenças, como, no caso de **bloco: broco** (1ª pes. ind. pres. do verbo brocar), **atlas: atras** (fem. pl. de atro), **clave: crave** (subj. de cravar), **fluir** (correr): **fruir** (gozar).

O fenômeno em estudo vem de um processo histórico, de línguas românicas cuja raiz é o latim vulgar, em que se tinha, por exemplo, **clavu, duplu, sclavu, flaccu, obligare, placere** e **plumbu** que se transformaram, com o passar do tempo, em **cravo, dobro, escravo, fraco, obrigar, prazer** e **prumo**. Portanto, o fenômeno do rotacismo é um prosseguimento natural de tendência histórica em transformar o R ao invés de L, em encontros consonantais, por isso continua intenso e atuante no vocábulo das pessoas, pois é inerente à língua.

Quanto ao ponto articulatório, o R e o L são muito semelhantes, pois ambos são realizados dentro da boca, ou seja, a ponta da língua toca os alvéolos dos dentes, por isso, a facilidade da troca de um pelo outro. No entanto são fonemas distintos no português, uma vez que, de acordo com o princípio da comutação, há pares mínimos idênticos ou análogos de palavras, assim a troca de /l/ por /r/ pode implicar em mudança de significado como, por exemplo, no caso das palavras “mal” e “mar” (cf. ASSAD; COX, 1999). Mas, no que se refere ao *rotacismo*, a troca do L por R, não altera a significação da palavra, o traço semântica, pois a alteração será, somente, no nível fonológico. Já nos estudos sociolinguísticos, se trata de um traço descontínuo da língua.

É perceptível que o rotacismo é uma forma estereotipada de falar e escrever, muitas vezes sendo associado à linguagem das classes desprestigiadas, como os analfabetos, os moradores de zona rural e os caipiras (cf. BAGNO, 2010), como é retratado em muitas histórias, como, por exemplo, nas HQs de Maurício de Sousa, vejamos:

**Figura 1:** Quadrinho de Chico Bento (Maurício de Sousa)



Copyright © 2003. Maurício de Sousa Produções LTD. Todos os direitos reservados.

Na tirinha, *Chico Bento em Pamonha*, percebemos que Chico utiliza o *rotacismo* ao falar **fror** ao invés de **flor**, quando ele vai entregar a flor para Rosinha. Os dois personagens pertencem à classe tida como desprestigiada, pois vivem na zona rural. Dessa forma, a sociedade atribui os valores aos falantes correspondentes a posição social que eles ocupam e a escola surge como um instrumento de “repressão” filtrando as variações desprestigiadas da língua. Nesse caso, de acordo com Bortoni-Ricardo (2004), os professores não devem reprimir seus alunos ordenando trocar uma variante pela outra, mas sim, conscientizá-los sobre as diversas variações, para que eles possam adequar-se a cada situação comunicativa em que se encontram.

Além das explicações históricas, fonológicas e sociológicas que acarretam o *rotacismo*, analisemos também propostas curriculares pedagógicas, as quais ressaltam a necessidade de uma educação em língua materna com base na heterogeneidade linguística, no entanto percebe-se na prática que essas propostas ainda são pouco utilizadas no cenário educacional. Logo, as práticas pedagógicas relacionadas à educação linguística no Brasil, vão de encontro ao que é veiculado pelas diretrizes oficiais da educação, isto é, aos Parâmetros Curriculares para o Ensino de Língua Portuguesa – PCNs (BRASIL, 1998), fato este que contribui para estigmas sociais e, consequentemente, para disseminação do preconceito linguístico.

Os PCNs (Brasil, 1998) ressaltam a questão de se trabalhar o ensino de Língua Portuguesa voltado não somente para os aspectos gramaticais, mas também para a oralidade, visando disseminar o preconceito dialetal nas escolas. Porém, na prática, continua, efetivamente, pautado ao ensino da gramática prescritivo-normativa, ou seja, o ensino de gramática por gramática. Neste contexto, é importante ressaltar que a escola, através do professor, deve observar ou procurar se informar sobre os antecedentes demográficos de seus alunos para que possa entender e tratar das suas variedades com mais fluidez, evitando a perpetuação do aspecto preconceituoso veiculado às variedades linguísticas.

No âmbito da presente pesquisa, partimos da perspectiva sociolinguística que descreve a língua como um sistema heterogêneo, analisando os contextos linguísticos a partir de fatores internos (grupo fonético-fonológico, semântico-lexical e morfossintático) e extralinguísticos (**variação diastrática** - grupo social a que falante/ouvinte pertencem faixa etária, sexo, escolaridade como também a **variação diatópica** - contexto situacional, região, entre outros), para que seja possível chegar a uma noção de variação/mudança linguística. Consequentemente, há vários fatores que regem o uso de uma língua em uma determinada sociedade, como ocorre com o *rotacismo*. Assim, o presente estudo objetiva verificar a

influência da neutralização dos traços distintivos dos fonemas /l/ pelo /r/ alveolares (da fala) na escrita de alunos do ensino fundamental I de duas escolas públicas da cidade de Ribeirópolis/SE – uma localizada na zona rural, a outra na zona urbana –, para corroborar que diferença linguística não significa “deficiência”, e com isso, verificar como a variação linguística é abordada nas escolas e o grau de monitoramento dos alunos em relação ao uso das variantes trabalhadas, diante de estímulos auditivos e visuais.

Para averiguar a influência da fala na escrita e das variáveis linguísticas e extralinguísticas na efetuação ou não do rotacismo, seguimos os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008). Traremos também contribuições teóricas de Faraco (2008), Bagno (2009; 2010), Bortoni-Ricardo (2004) e Mollica (1998; 2012). Diante do que foi exposto se faz necessário trazer uma pequena análise de estudos que lidam com o rotacismo, haja vista que são fundamentações pertinentes para nossa pesquisa. Para complementar nossos referenciais teóricos, analisaremos alguns trabalhos acadêmicos que também investigam esse fenômeno, a exemplo de Costa (2006; 2011) e Araújo *et al.* (2010). E tal como esta trabalho, investigaram também na cidade de Ribeirópolis, os trabalhos de Santana *et al.* (2008) e Santos (2011).

Seguindo a mesma linha de pensamento dessas pesquisadoras, daremos continuidade a esses estudos. Entretanto, desta vez, *o lócus* desta pesquisa ocorrerá em duas escolas públicas, uma urbana e a outra rural - Escola Edezuíta Araújo Noronha e Escola Municipal João José de Mendonça, respectivamente -, ambas funcionam do pré-infantil ao 5º ano. A partir de tal investigação, objetivamos responder às seguintes indagações: como o rotacismo se manifesta em crianças em fase de alfabetização em Ribeirópolis, município interiorano do estado de Sergipe? Será que os professores ainda estão impregnados pelo método tradicional de ensino? Será que a escola ainda propaga a norma padrão e banaliza as normas não padrão da língua? Será que os alunos conseguem distinguir e correlacionar o uso da linguagem oral para a linguagem escrita? Enfim, observar se o fenômeno do rotacismo persiste na fala e na escrita dos estudantes ribeiropolenses.

Na sequência, exibiremos o capítulo 1, intitulado **Variação e Ensino**. Nesse capítulo abordamos a relação entre língua e sociedade, o papel que a escola desempenha junto às variações linguísticas e os estudos já feitos sobre *o rotacismo*. Posteriormente, no capítulo 2, apresentamos a **Metodologia** empregada: exibimos os processos pelos quais foram constituídas as amostras, as categorias de análise e o tratamento estatístico adotado para a análise dos dados. No capítulo 3, descrevemos os **Resultados**, com a finalidade de corroborar



as hipóteses anteriormente levantadas. Por fim, traçaremos a **Conclusão** a respeito do tema abordado.

## **1 VARIAÇÃO E ENSINO: O CENÁRIO DA EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA**

Neste capítulo, apresentamos os princípios teóricos que auxiliam esta pesquisa, a relação entre língua e sociedade e as várias normas existentes na literatura sociolinguística. Abordamos também o ensino de língua e o papel que a escola desempenha junto às variações linguísticas. Por fim, discutiremos o que é o rotacismo e os estudos já feitos sobre o fenômeno.

### **1.1 VARIAÇÃO NA PERSPECTIVA DA SOCIOLINGUÍSTICA**

Para podermos verificar a influência do rotacismo (da fala<sup>2</sup>) na escrita de alunos do ensino fundamental I, conforme propõe a pesquisa, faz-se necessário observar algumas teorias relacionadas a uma pedagogia da variação linguística. Por isso, esta seção apresenta cinco autores e suas perspectivas teórico-científicas da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008), como também contribuições teóricas de Faraco (2008), Bagno (2009; 2010), Bortoni-Ricardo (2004) e Mollica (1998; 2012), que proporcionam embasamento para analisarmos, cientificamente, as variantes diatópicas (diferenças entre dialetos geográficos ou falares regionais) do português brasileiro existentes no município de Ribeirópolis/SE, bem como para propormos uma efetiva pedagogia da variação linguística nas escolas públicas - urbanas e rurais - do respectivo município.

A autora Mollica (1998) expõe investigações sistemáticas indicando caminhos pedagógicos concretos para se trabalhar a variação linguística em escolas; já no livro Mollica e Braga (2012) abordam as diferentes dimensões da Sociolinguística Quantitativa bem como as relações entre língua e sociedade; Bortoni-Ricardo (2004) propõe atividades que possibilitam transformar a educação em língua portuguesa em compromisso com a formação do cidadão e contra a forma de exclusão social pela linguagem; Labov (2008) aplicou métodos da sociologia, da antropologia e da psicologia no desenvolvimento de novas técnicas

---

<sup>2</sup> O fenômeno do rotacismo acontece, primeiramente, na fala. No âmbito escolar, ao tomar contato com a modalidade escrita, a criança reproduz aquilo que ouve. Portanto, esse fenômeno é transmitido da fala para escrita.

para o estudo da variação linguística e Faraco (2008) aborda, fenomenologicamente, os conceitos de norma, norma culta, norma padrão e norma gramatical, e com isso revela o enredo de sobreposições e incoerências, anacronismo e preconceitos envolvidos nos usos que delas fazemos.

Nossa pesquisa é enviesada pelos pressupostos teóricos da Sociolinguística, então é pertinente definir essa área de pesquisa. Nas palavras de Mollica (2012, p. 9),

a Sociolinguística é uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando à atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo.

À vista disso, compreendemos que a concepção de língua está correlacionada com as convenções sociais ou com os comportamentos sociais de natureza filosófica, política, religiosa e linguística que regem uma comunidade de fala. Assim, a língua vem sendo transformada em diferentes épocas e caracterizando grupos de falantes distintos, mostrando as atitudes linguísticas de tais grupos. A língua é um fato social, heterogêneo, complexo, vulnerável a variação e mudança, no tempo e no espaço. A autora Mollica (2000) é seguidora das teorias labovianas, e para Labov (2008), a Sociolinguística caracteriza-se como a área do saber que compreende a língua como uma estrutura dinâmica, a qual deve ser analisada no seio das comunidades de fala, direcionando suas investigações para a correlação entre língua e sociedade (cf. LABOV, 2008; MOLLICA, 2012).

Os estudos sociolinguísticos concebem a língua como uma instituição social, na qual coexiste um conjunto de variantes sociais e estilísticas. Para Labov (2008, p. 21),

não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo.

Portanto, o componente social faz referência ao conjunto de traços linguísticos que identificam distintos subgrupos presentes em uma sociedade estratificada, heterogênea; enquanto o componente estilístico refere-se às oscilações pelas quais os sujeitos adaptam sua linguagem ao contexto em que se processa o ato imediato de fala. Nesse contexto, são determinantes para a identificação de grupos e das diferenças sociais de uma dada comunidade (cf. LABOV, 2008; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006).

Com efeito, vimos através de Labov (2008) que a língua constitui-se socialmente, e como um fenômeno social que é, possui diversas camadas que se distinguem a partir de determinadas peculiaridades. Sendo assim, para compreender a variação linguística, devemos diferenciar os tipos de norma, a saber: *norma culta*, *norma padrão* e *norma não padrão* (FARACO, 2008).

De acordo com Faraco (2008, p. 71), a *norma culta* é o “conjunto de fenômenos linguísticos que ocorrem habitualmente no uso dos falantes letrados em situações mais monitoradas de fala”. Entretanto, quando precisamos utilizar a norma culta, podemos, pois, afirmar que nos mostramos inseguros.

Com relação à *norma padrão*, é um “constructo sócio histórico que serve de referência para estimular um processo de uniformização” (FARACO, 2008, p. 73). Esta norma conduz a gramática normativa que tenta, através das suas normas ou regras, homogeneizar a língua, tanto na escrita como na fala. É utilizada, correntemente, aos letrados que a utilizam em suas práticas mais monitoradas de fala e de escrita. Haja vista que o domínio da norma padrão não significa, unicamente, o domínio de regras de concordância, de regência ou de aspectos que dizem respeito à técnica da oração, como sabemos a língua não é homogênea e estática, mas sim, heterogênea e mutável.

Percebemos que a norma culta e a norma padrão são distintas. A primeira faz referência aos usos dos atos de linguagem, os quais podem ser observados e analisados em um determinado grupo social que possui e utiliza um elevado nível de escolaridade. Já a segunda, corresponde ao modelo abstrato e ideal de língua, imposto pelas gramáticas normativas, que se distancia da realidade linguística do falante.

Por outro lado, a *norma não padrão* concebe as variedades estigmatizadas da língua, sendo muitas vezes considerada deturpação, corrupção ou desvios linguísticos que se distingue dos padrões prescritivos (FARACO, 2008). A *norma não padrão* é utilizada por uma parcela considerável da população que não tem contato com a escrita, devido à exclusão social ou à inclusão deficitária. Porém, quando longe da formalidade, são usadas também por falantes que utilizam a norma culta ou a norma padrão.

Segundo Faraco (2008), do ponto de vista científico, não há como dizer que uma forma linguística é melhor do que outra, sobretudo porque a ciência não apresenta como critério o preconceito e a subjetividade. Pois, a linguagem revela não somente informações neutras, mas também classe social, região onde se vive, ponto de vista, escolaridade, intenção. Em síntese, a linguagem é um índice de poder. Em suma, o resultado disso é que suas diferentes formas se mantêm por força de um intenso processo social coercitivo que atua em

várias direções, entre elas a própria escola, que utiliza todos os seus esforços para transmitir e conservar a língua “correta”, ligada fortemente com a língua escrita.

Debruçar-nos-emos, em seguida, nos estudos sociolinguísticos realizados por Mollica (1998). Esta considera que a linguagem oral influencie diretamente na escrita de crianças dos anos iniciais do ensino fundamental, isto é, em todo o processo de aquisição da tecnologia da escrita alfabética. Isso ocorre porque os alfabetizandos acreditam que a língua portuguesa é sempre biunívoca<sup>3</sup>.

De acordo com a referida autora, os alunos começam a assimilar as diferenças entre o oral e o escrito a partir do 3º ano, com o avanço simultâneo da escolaridade e da idade. No entanto, os alunos se tornam mais conscientes das diferenças existentes entre fala e escrita, a partir do momento em que recebem instrução explícita acerca dos ambientes de maior ocorrência do processo de apagamento das semivogais na fala. Nessa perspectiva, embora a escolarização seja responsável pelo processo de autocorreção natural, uma metodologia que utilize estratégias definidas pode reduzir a influência do processo de variações fonológicas, a exemplo do rotacismo, na alfabetização e, conseqüentemente, antecipar a solução de problemas de aprendizagem que podem persistir durante todo o ensino fundamental e médio.

Embora a conscientização e a instrução explícita condicionem notavelmente o processo de correção, as propostas didático-pedagógicas também devem se adequar ao grau de escolaridade, à faixa etária e à maturidade do aprendiz, visto que os estudos sociolinguísticos vêm evidenciando que os alunos do 1º e 2º anos não são sensíveis a um comando explícito sobre a influência da fala na escrita. Esse fato está relacionado à faixa etária das crianças que, nos anos iniciais, são menos maduras, bem como ao vocabulário diminuto que possuem, pois para adquirir o código escrito, é preciso assimilar inúmeras regras. Nesse momento, o alfabetizando ainda está assimilando a relação fonema/grafema, processo suficientemente complexo.

Ainda de acordo com Mollica (1998), é por meio dos estudos linguísticos que percebemos a dicotomia: *mudança x prestígio*. Assim, a escola tem o papel de refrear ou retardar o fluxo natural de uma mudança, por isso convém compreender que uma pedagogia da variação linguística tem como propósito analisar os aspectos envolvidos numa metodologia mais eficaz do ensino do português como uma língua materna que considere exclusivamente a

---

<sup>3</sup> Correspondência entre grafema e fonema, isto é, um grafema para cada fonema e vice-versa. Escrever da mesma forma em que se fala.

heterogeneidade da língua e se fundamente em descrição sociolinguística, tipicamente variacionista, das modalidades orais e escritas.

Na mesma perspectiva de Mollica (1998), a autora Bortoni-Ricardo (2004) oferece aos professores os instrumentos de análise adequados para lidar com as regras características das variedades estigmatizadas, bem como procura conscientizá-los de que as diferenças linguísticas não são “erros”, mas sim formas diferentes de usar os recursos potencialmente presentes na própria língua. Segundo a autora, é necessário enfatizar as tendências imanentes da língua para incentivar os professores a assumir a convicção de que os chamados ‘erros’ que nossos alunos cometem têm explicação no próprio sistema e processo evolutivo da língua, portanto, podem ser previstos e trabalhados com uma abordagem sistêmica (BORTONI-RICARDO, 2004).

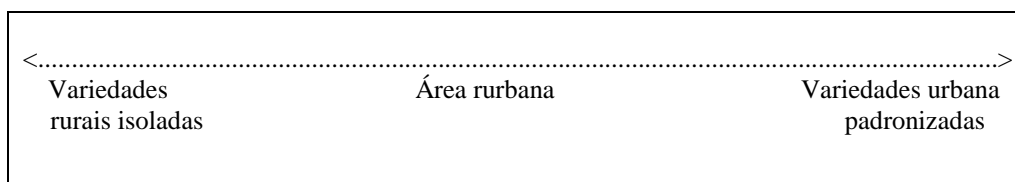
Nesta perspectiva é papel do professor ensinar aos seus alunos que não existe forma “certa” ou “errada” de falar, mas sim, formas adequadas aos diferentes meios comunicativos. O educador deve pautar-se no seu ensino da heterogeneidade da língua, haja vista que o aluno que fala “pranta” ao invés de “planta” sofre “preconceito linguístico” na escola (cf. BAGNO, 2009), por isso certamente no futuro ele sentirá vergonha do modo como fala seus familiares, se desvalorizará e assim o conduzirá ao fracasso. A aplicação desse modelo em sala de aula representa, sem dúvida, uma promessa de renovação das práticas pedagógicas de educação em língua portuguesa, pois, por meio dele, procura-se eliminar as “deficiências” dos modelos teóricos convencionais que se fixavam somente num ou em outro desses contínuos e que analisavam dicotomicamente os fenômenos linguísticos pelo viés do preconceito social presente na ideologia normativo-prescritiva.

Para corroborar esta convicção, Bortoni-Ricardo (2004) analisa as principais características das variedades linguísticas apresentadas nos contínuos: rural-urbano, oralidade-letramento e monitoração-estilística, faladas pelos brasileiros de origem rural e urbana, mostrando como uma dessas características constitui uma regra gramatical perfeitamente explicável pela tradição gramatical normativa que se baseia nos usos linguísticos de uma elite de falantes mais letrados. Contudo, como no mercado linguístico diferença é “deficiência”, cabe à escola permitir ao aluno o acesso a regras linguísticas prestigiadas e ao maior número possível de recursos linguísticos para que possam adquirir uma competência comunicativa ampla e diversificada, sem desvalorizar sua própria variedade linguística, adquirida nas relações sociais de sua comunidade.

Decerto, o ponto fulcral na teoria de Bortoni-Ricardo (2004), no plano teórico é a proposta de um instrumental de análise das variedades linguísticas brasileiras, composto por

três contínuos: o contínuo rural-urbano, o contínuo de oralidade-letramento e o contínuo de monitoração-estilística. E para explicarmos o fenômeno do rotacismo, utilizamos neste trabalho o contínuo de urbanização segundo Bortoni-Ricardo (2004, p. 52), como identificamos na figura 2.

**Figura 2:** Contínuo da urbanização (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 52).



Neste contínuo, a autora cita que na ponta esquerda estão as variedades rurais geograficamente isoladas. No meio a área *rurbana*, pois é formada pelos migrantes de origem rural que preservam muito seus antecedentes rurais, principalmente, a sua bagagem linguística e as comunidades periféricas que estão submetidas à influência urbana. Na ponta direita, as variedades urbanas que recebem a maior influência dos processos de padronização linguística. Conforme Bortoni-Ricardo (2004), o rotacismo é um fenômeno bastante encontrado em falares rurais e rurbanos e, às vezes, até em falares urbanos. Preferimos classificar o rotacismo “como um traço descontínuo, considerando que esse fenômeno é muito estigmatizado na cultura urbana” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 51-54).

Neste sentido, segundo Bortoni-Ricardo (2004), é necessário compreender e ter consciência de que variantes linguísticas são diferenças faladas pela população do mesmo país, portanto não se pode rotulá-las de “erros”, visto que a língua é totalmente heterogênea; não podemos fomentar o preconceito linguístico, pois o português falado em um estado ou região nunca será superior ou inferior a outro.

Na próxima seção, abordamos a relação entre sociolinguística e ensino. Por conseguinte, expomos as propostas curriculares pedagógicas envoltas dos fenômenos linguísticos, assim como a realidade linguística que permeia o ambiente escolar.

## 1.2 SOCIOLINGUÍSTICA E ENSINO

A variação é característica das linguagens humanas, ela sempre existiu e sempre existirá independente de qualquer regra normativa que aprendemos na escola (BRASIL, 1998). Principalmente no Brasil, onde a única unidade linguística é marcada por intensa movimentação de pessoas e culturas, o que gera um intenso fenômeno de mistura linguística e diferentes valores sociais. As variações linguísticas dependem, sobretudo, dos fatores geográficos e socioeconômicos, da faixa etária, de gênero (sexo), da relação estabelecida entre os falantes e sua situação de fala. A ideia de uma língua única, em que a escrita depende das determinações da gramática normativa, dos manuais e relacionada aos programas de difusão da mídia sobre o que se deve e o que não se deve falar e escrever, não se sustenta na análise empírica dos usos da língua.

As propostas curriculares pedagógicas ressaltam a necessidade de uma educação em língua portuguesa com base na heterogeneidade linguística, no entanto percebe-se na prática que essas propostas ainda são pouco utilizadas no cenário educacional. Logo, as práticas pedagógicas relacionadas à educação linguística no Brasil, vão de encontro ao que é veiculado pelas diretrizes oficiais da educação, isto é, aos Parâmetros Curriculares para o Ensino de Língua Portuguesa – PCN's (BRASIL, 1998), fato este que contribui para estigmas sociais e, conseqüentemente, para disseminação do preconceito linguístico.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, conhecidos como PCN's, é uma base desenvolvida pelo Governo Federal, através do qual os professores encontram referências para preparar suas aulas em todas as disciplinas e séries escolares. Nesta pesquisa, a intenção é expor algumas ideias encontradas a partir da leitura do PCN de Língua Portuguesa do ensino fundamental, no que diz respeito à sociolinguística e ensino. De acordo com os PCNs de Língua Portuguesa,

o problema do preconceito disseminado na sociedade em relação às falas dialetais deve ser enfrentado, na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação para o respeito à diferença [...] a escola precisa livrar-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma “certa” de falar – a que se parece com a escrita – e o de que a escrita é o espelho da fala [...]. Essas duas crenças produziram uma prática de mutilação cultural que, além de desvalorizar a forma de falar do aluno, tratando sua comunidade como se fosse formada por incapazes, denota desconhecimento de que a escrita de uma língua não corresponde inteiramente a nenhum de seus dialetos por mais prestígio que um deles tenha em um dado momento histórico. (BRASIL, 1998, p. 31)



É notório que os PCNs (BRASIL, 1998) ressaltam a questão de se trabalhar o ensino de Língua Portuguesa voltado não somente para os aspectos gramaticais, mas também para a oralidade, visando disseminar o preconceito dialetal nas escolas (como no caso do *rotacismo*). Porém, na prática, continua, efetivamente, pautado ao ensino da gramática prescritivo-normativa, ou seja, “o ensino de gramática por gramática”. Neste contexto, é importante ressaltar que a escola e o professor devem observar ou procurar se informar sobre o histórico e os antecedentes demográficos de seus alunos para que possam entender e tratar das suas variedades com mais fluidez, evitando o preconceito linguístico na sala de aula.

O Plano Nacional do Livro Didático, conhecido como PNLD, tem adotado as tiras da “Turma do Chico Bento” como instrumento de reflexão para trabalhar as variedades linguísticas e o preconceito linguístico. “A turma do Chico Bento”, criada pelo cartunista Maurício de Sousa em 1961, é um gênero em quadrinho muito conhecido pelas crianças há alguns anos. Essa tira tem como cenário principal a zona rural, ambiente que marca as características linguísticas dos personagens, assim como o estereótipo caipira. O personagem principal é o Chico Bento, um menino ingênuo que mora na roça, anda de pés descalços, preserva a natureza, fala com os animais e não gosta de ir à escola, como podemos averiguar na figura 3.

**Figura 3:** Quadrinho de Chico Bento (Maurício de Sousa)



Copyright © 2000. Maurício de Sousa Produções LTD. Todos os direitos reservados.

A utilização do personagem Chico Bento como ferramenta para se trabalhar as diferenças linguísticas no espaço escolar não é bem visto por alguns autores, a exemplo de Faraco (2008). Eles alegam que se trata de uma caricatura estereotipada do falar do campo, ou melhor, do português rural. Segundo Faraco (2008), as tiras do personagem Chico Bento:

está muito longe de representar, de fato, uma variedade do português rural. É antes uma elaboração estereotipada de um certo falar rural. Cabe, então, perguntar quanto uma representação estereotipada de um certo falar contribui para a compreensão da variação linguística. (FARACO 2008, p. 177)

No entanto, os livros didáticos que possuem o PNLD têm adotado as tiras da “Turma do Chico Bento” como ferramenta para evitar o preconceito linguístico e refletir o trabalho das variedades linguísticas, por considerarem que as falas e as imagens que são retratadas nessas histórias em quadrinhos revelam a riqueza dialetal que integra a cultura brasileira. As crianças gostam e aprendem, dinamicamente, através dessas histórias em quadrinho e os alunos oriundos do campo identificam-se com a cultura contida no personagem de Chico Bento. Portanto, um eficaz instrumento pedagógico para se trabalhar as diferenças sociolinguísticas. Logo,

o Chico Bento pode se transformar, em nossas salas de aula, em um símbolo de multiculturalismo que ali deve ser cultivado. Suas historinhas são ótimo recurso para despertarmos em nossos alunos a consciência da diversidade sociolinguística. (BORTONI-RICARDO 2004, p. 46)

Ainda de acordo com os guias curriculares, o ensino não pode ser concebido de forma artificial e abstrata, ao contrário, deve pautar-se nos usos efetivos da língua e espera-se que cada aluno, ao concluir o ensino fundamental, tenha recebido uma educação voltada para o amadurecimento da sua competência comunicativa.

Compreendemos que os PCNs e o PNLD interagem com as ideias defendidas pelos sociolinguísticos, principalmente, pelos postulados teóricos de Mollica (2000) e Bortoni-Ricardo (2004), já que essas pesquisadoras estão mais envolvidas com as questões de ensino/aprendizagem de língua no espaço escolar.

Na próxima seção, definimos o nosso objeto de estudo. Ainda nesta seção, abordamos o rotacismo a partir de diferentes perspectivas: através da histórica, dos aspectos fonológicos e dos estudos sociolinguísticos. Por fim, apresentamos alguns estudos já realizados sobre o fenômeno ora em estudo, na cidade de Ribeirópolis/SE<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Ribeirópolis é um município localizado na zona central do Estado de Sergipe, na microrregião do Agreste de Itabaiana, distante 55 km da capital, Aracaju, por linha reta e 76 km por condução.

### 1.3 ROTACISMO: O QUE É?

O rotacismo é um fenômeno muito antigo, persistente em nossa língua e estigmatizado, porém tem sido alvo importante de muitas pesquisas e discussões na instituição acadêmica. Nesta seção explanamos sobre o fenômeno fonológico rotacismo. Para tanto partiremos de três perspectivas de estudo, a saber: através da histórica, dos aspectos fonológicos e dos estudos sociolinguísticos.

#### 1.3.1 Rotacismo: conhecendo o fenômeno

No português brasileiro, o rotacismo pode ocorrer em dois contextos silábicos: no ataque complexo, como, por exemplo, na realização padrão de estilo CCV como em **claro** por **craro**, ou na coda silábica, como, por exemplo, a realização de **desculpa** por **discurpa**, como podemos observar na figura 4.

**Figura 4:** Quadrinho de Chico Bento (Maurício de Sousa)




Copyright © 2009. Maurício de Sousa Produções LTD. Todos os direitos reservados.

Nesta pesquisa, encontramos apenas o rotacismo no ataque complexo: a neutralização de uma líquida lateral /l/ pela alternância de uma líquida vibrante /r/, nos grupos consonantais do tipo CCV, em que C significa “consoante” e V significa “vogal”, seguindo a terminologia de Bortoni-Ricardo (2004); como podemos verificar na figura 5.




**Figura 5:** Rotacismo no ataque complexo: grupo consonantal CCV

**Atividade 1**






O nome da cidade está escrito de forma correta?  
☒ sim    ☐ não


O termo "praca cronada" está sendo utilizado corretamente?  
☒ sim    ☐ não




*Archi*    *Archi*    *praca*


*Armeço*    *Archi*    *pranta*





"Craro! É só apertá este botãozinho aqui!..."  
 Esta frase está correta?  
☒ sim    ☐ não

*Archi*    *Archi*    *plant*



"Di como si repranta as mudinha di verdura im otro cantero!"  
 A palavra "repranta" está correta?  
☒ sim    ☐ não

*Archi*    *Archi*    *franta*

(Retirado do banco de dados da própria pesquisa)

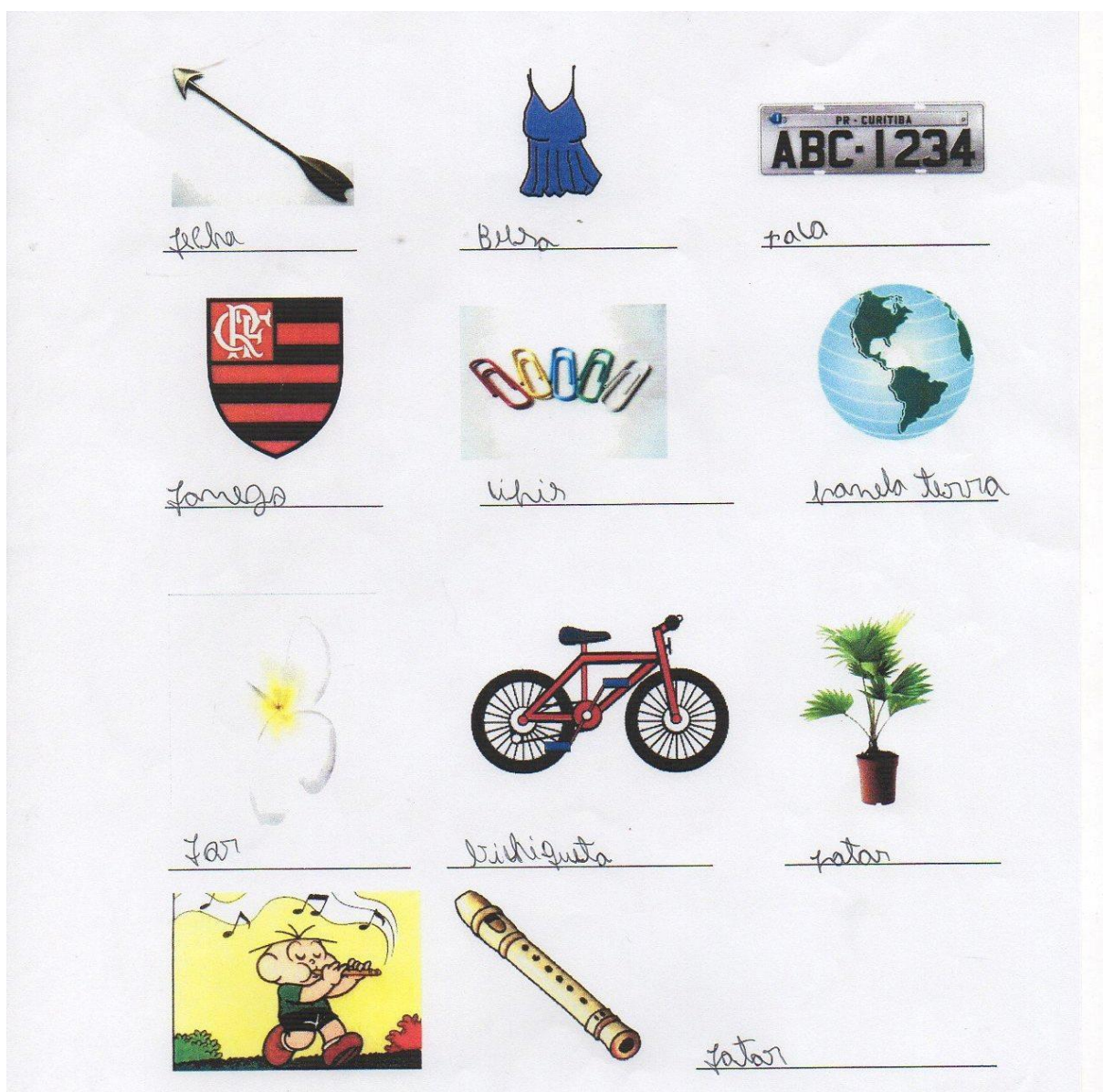
No entanto, detectamos o rotacismo que sofre uma supressão da vibrante na realização do grupo consonantal, ou seja, [r] ~ ø, como, por exemplo, **globo** > **grobo** por **gobo** ou **placa** > **praca** por **paca**. Segundo Gomes e Souza (2012, p.76), o apagamento do [r] não parece ser tão estigmatizado quanto o ataque complexo. Historicamente, a substituição lateral e o pagamento da vibrante situam-se numa matriz de mudanças de sons consonantais que tinha como resultado um som mais fraco ou seu cancelamento (sonorização de consoantes surdas, redução de consoantes longas, oclusivas passando a fricativas, quedas de /d/, /g/ e /l/ intervocálicas). O enfraquecimento consonantal, ou lenição, ocorre quando uma consoante é produzida com um grau mais relativamente fraco de esforço muscular e força respiratória (cf. CRYSTAL 1988, p. 157 apud GOMES; SOUZA, 2012, p. 76). Alguns gramáticos também atribuem o apagamento da vibrante a um processo de dissimilação, devido à presença de outra líquida na sílaba.

Nos estudos de Mollica e Paiva (1991 apud COSTA 2006, p.61), o apagamento "trata-se de um processo de dissimilação presente na história do nosso idioma e permanente



no sistema enquanto deriva”. Para as autoras, o rotacismo no ataque complexo nos grupo consonantal CCV e o rotacismo com dissimilação ou supressão nos grupos consonantais constituem mecanismo de abrandamento fonético e estão intimamente ligados. Ilustramos o rotacismo que sofre supressão na figura 6.

**Figura 6:** Supressão no grupo consonantal, R > 0



(Retirado do banco de dados da própria pesquisa)

Adiante, na próxima subseção, estudamos o rotacismo através da perspectiva histórica.

### 1.3.2 Perspectiva Histórica

Na perspectiva histórica, o fenômeno estudado vem de línguas românicas, cuja raiz é o latim vulgar, que sofreram modificações e quedas nas passagens do latim para o português. O convívio com o idioma português, entre os séculos XVI e XIX, época em que o Brasil foi colônia de Portugal, deixou vestígios na fala e no vocabulário dos brasileiros. Coutinho (1976) chama atenção para o seguinte fato: nos grupos iniciais próprios latinos, conservam-se, em português, quando a líquida é /r/ e modificam-se, quando é /l/. Assim, /br-/ , /cr-/ , /dr-/ , /fr-/ , /gr-/ , /pr-/ e /tr-/ mantêm-se, por exemplo, bruncu>bronco, dracone>dragão, frenu>freio, granu>grão probare>provar, truncu>tronco” (COUTINHO, 1976, p. 118-119). Já “os grupos iniciais próprios /cl-/ , /fl-/ , /pl-/ , /bl-/ , e /gl-/ modificam-se, respectivamente, em /cr-/ , /fr-/ , /pr-/ , /br-/ e /gr-/ , sendo que os dois últimos podem se reduzir a /l-/” (COUTINHO, 1976, p. 119-120).

De acordo com Bagno (2010), o rotacismo não existe por acaso e trata-se de uma tendência natural, observada na evolução das línguas românicas. Observamos o quadro abaixo:

**Quadro 1:** Relação do português padrão com o latim (BAGNO, 2010, p.73)

LATIM	PORTUGUÊS
Blandu	Brando
Clavu	Cravo
Duplu	dubro
flaccu	fraco
fluxu	frouxo
obligare	obrigar
placere	prazer
plicare	pregar
plumbu	prumo

Os dados do quadro 1 mostram que, no latim vulgar, o padrão silábico CCV tinha um /l/ que se converteu em um /r/ no português. Então, o que é tratado como suposto “erro” é, na verdade, prosseguimento de uma tendência muito antiga no português, que os falantes rurais ou não escolarizados muitas vezes levam adiante. Muitas dessas palavras do quadro 1 estão documentadas em textos históricos da língua portuguesa, como, por exemplo, na obra de Camões, *Os Lusíadas* (1572), no período renascentista (cf. BAGNO, 2010). No quadro abaixo, podemos ver alguns versos desse poema épico que contém a troca dos traços distintivos:

**Quadro 2:** “Camões também falava inglês” (BAGNO, 2010, p. 217)

“E não de agreste avena, ou **frauta** ruda” (canto I, verso 5)

“Doenças, **frechas** e trovões ardentes” (X, 46)

Era este **ingrês** potente” (VI, 47)

“Nas ilhas de Maldiva nasce a **pranta**” (X, 136)

“**Pruma** no gorro, um pouco declinada” (II, 98)

“Onde o profeta jaz, que a lei **pubrica**” (VIII, 34)

Nesta perspectiva é possível afirmar que a neutralização do traço distintivo dos fonemas /l/ e /r/ não se trata de um “erro”, mas sim efeito de um processo cíclico pelo qual passa a nossa língua: formas do passado (como, por exemplo, do latim) podem se repetir em formas linguísticas atuais, como é o caso do rotacismo, um fenômeno linguístico e fonológico enraizado na história do latim vulgar, porém, por razões sociais e políticas, é considerado estigmatizado e atribuído aos falantes que estão na base da pirâmide social.

É preciso ressaltar que o rotacismo não é apenas exclusividade do português, mas também está presente em “outras línguas como, por exemplo, em variedades do sardo (língua falada na Sardenha, no mar Mediterrâneo) foram encontradas palavras como PRANTA (planta), CRARU (claro), FRORE (flor), dentre outras” (BAGNO, 2010, p. 218). Portanto, o fenômeno do rotacismo é um prosseguimento natural de tendência histórica em transformar o R ao invés de L, em encontros consonantais, por isso continua intenso e atuante no vocábulo das pessoas, pois é inerente à língua.

### 1.3.3 Perspectiva Fonológica

Quanto à perspectiva fonológica, consoante Cox e Assad (1999), o R e o L são muito semelhantes, pois ambas são realizadas dentro da boca, ou seja, a ponta da língua toca os alvéolos dos dentes, por isso a facilidade da troca de um pelo outro. No entanto são fonemas distintos no português, uma vez que, de acordo com o princípio da comutação, há pares mínimos idênticos ou análogos de palavras, assim a troca de /l/ por /r/ pode implicar em

mudança de significado como, por exemplo, no caso das palavras “mal” e “mar” (cf. ASSAD; COX, 1999). Mas, no que se refere ao *rotacismo*, a troca do L por R, não altera a significação da palavra - o traço semântico -, pois a alteração será, somente, no nível fonológico.

Deste ponto de vista, para Cristofáro Silva (1999 apud FREITAG, 2011), o processo pelo qual perpassa o rotacismo ao apontar que as laterais e as vibrantes são consoantes às quais apresentam muitas similaridades fonéticas no português, como mostra a quadro abaixo:

**Quadro 3:** Traços articulatórios de /l/ e /r/ (CRISTOFÁRO SILVA, 1999 apud FREITAG, 2011, p. 4)<sup>5</sup>.

	/l/	/r/
Ponto de articulação	Alveolar	Alveolar
Modo de articulação	Lateral	Vibrante
Ressonância	Oral	Oral
Vibração laríngea	Sonora	Sonora

Nota-se que no quadro 3, os fenômenos representados L e R são produzidos muito próximos dentro da boca, ou melhor, na pronúncia das duas letras, a ponta da língua toca os alvéolos, por isso a facilidade da alternância de um pelo outro. Contudo, são fenômenos díspares e podem formar pares mínimos de palavras que provocam significados distintos: at/l/as é diferente de at/r/ás, /l/ata é diferente de /r/ata e va/l/a é diferente de va/r/a (FREITAG, 2011). Já para Gomes e Souza (2012, p. 75), a lateral /l/ e a vibrante /r/ compartilham uma série de propriedades fonéticas. Além disso, ambas as consoantes, apresentam comportamento semelhante em diversas línguas. No português são as únicas consoantes possíveis na segunda posição de um grupo consonantal, estão submetidas conjuntamente a diferentes processos fonológicos (c[l]aro ~ c[r]aro, cé[r]ebro ~ cé[l]ebro, pí[l]ula ~ pí[r]ula), e, no processo de aquisição, são os últimos fonemas a serem adquiridos pelas crianças (cf. LAMPRECHT, 1991, p.132 apud GOMES; SOUZA, 2012, p. 75). Sincronicamente, pode-se afirmar que esse fenômeno é fortemente estigmatizado.

<sup>5</sup> O quadro 3 é uma adaptação extraída do texto “A Sociolinguística e a Alfabetização (Entre Norma e Uso, Fala e Escrita: Contribuições da Sociolinguística à Alfabetização)” da Dra. Raquel Meister Ko. Freitag, publicado na revista Nucleus, v.8, n.1, abril, 2011.



### 1.3.4 Perspectiva Sociolinguística

Nos estudos sociolinguísticos, há variáveis fonológicas que são classificadas como traços graduais e descontínuos. O primeiro traço é comum na língua brasileira, por exemplo, do apagamento no final de verbos no infinitivo como ‘namorar’ para ‘namora’, na síncope de ‘está’ para ‘tá’ e na monotongação dos ditongos /ai/, /ei/ e /ou/ como caixa>caxa, beijo>bejo e touro>toro. Enquanto, o segundo traço é o que mais sofre discriminação e preconceito por parte dos falantes mais letrados, no caso do rotacismo, da palatização e da concordância de número.

Segundo Bagno (2010), em qualquer sociedade humana, existe sempre um grupo de pessoas que acredita ser seu falar mais bonito ou mais certo do que o do outro grupo que compõe aquela comunidade. Mesmo assim, a variação linguística está ligada às atividades cotidianas do ser humano, todavia se manifesta de maneiras distintas e está vinculada aos fatores sociais, culturais e políticos no ato da interação verbal. Sendo assim,

numa sociedade que quer ser verdadeiramente democrática, é preciso conhecer, descrever, denunciar e combater os componentes do senso comum que funcionam como repressores da liberdade individual e coletiva, como instrumentos de discriminação social, de humilhação, de opressão psicológica e até mesmo de violência física. (BAGNO, 2010 p. 81)

Na visão preconceituosa dos fenômenos da língua, a alternância de L em R nos encontros consonantais “é fortemente estigmatizada e às vezes considerada até um sinal do “atraso mental” das pessoas que falam assim” (BAGNO, 2009, p. 40). Deste modo, se um falante pronuncia “pranta” ao invés de planta, “framengo” em lugar de flamengo, é caracterizado como pertencente a camadas sociais desprestigiadas, marginalizadas, que não tem acesso à educação da escola. Em consequência disso, sua linguagem é tida como “feia”, “pobre”, quando, na verdade, é só uma forma diferente de falar, a qual se difere da que é ensinada na escola (BAGNO, 2009).

Ainda de acordo com Bagno (2010), as variantes não padrão da língua são vista como estereótipos, por estarem caracterizando pejorativamente os falantes que as usam. Habitualmente, as pessoas atribuem os estereótipos aos analfabetos ou semianalfabetos, aos pobres, aos moradores do campo e aos moradores de periferias. Até a escola que deveria ensinar as variantes não padrão, funciona como uma grande neutralizadora do preconceito

linguístico, sendo que os alunos aos chegarem à escola, não são tábulas rasas em termos linguísticos, trazem a sua gramática cognitiva e já dominam a língua falada em diversas situações de interação verbal. Por outro lado, o que estudantes não dominam é a língua escrita. Logo, o uso de uma variante está associado a fatores socioeconômicos, regionais, faixas etárias, entre outros, em virtude do português brasileiro não possuir uma feição única e ser uma entidade possuidora de um repertório imenso de variedades dialetais. Portanto, devemos nos informar muito antes de fazer qualquer julgamento, sejam eles linguísticos ou não.

### **1.3.5 Estudos linguístico-descritivos sobre o rotacismo, realizados na cidade de Ribeirópolis/SE**

Diante da discussão realizada nas seções anteriores, se faz necessário trazer uma pequena análise de estudos que lidam com o rotacismo na comunidade linguística pesquisada, ou seja, em Ribeirópolis/SE haja vista que são fundamentações pertinentes para nossa pesquisa.

As graduandas Santana et al. (2008) investigaram o rotacismo nas turmas de 2ª e 4ª séries do ensino fundamental menor em quatro escolas da rede municipal de ensino, duas rurais e duas urbanas, em Ribeirópolis/SE. No primeiro momento, tais pesquisadoras escolheram a variável escolaridade para analisar se as escolas conseguem barrar o rotacismo. No segundo momento, excluíram todas as 2ª séries porque os alunos estavam na fase da alfabetização e não conseguiram responder aos questionários. Adiante, observaram as ocorrências de rotacismo e fizeram uma comparação para ver em quais escolas ocorria a maior aplicação da variante em questão. Para tanto, a metodologia foi desenvolver instrumentos de coletas pautados nos ditados mudo e falado, utilizando palavras e figuras que corroborassem na realização das variantes /l/ e /r/. Utilizaram seis palavras no ditado mudo: **placa, bloco, planta, blusa, flor e globo**. No final, as graduandas concluíram que algumas figuras escolhidas para estimular visualmente os alunos provocaram polissemia (bloco/tijolo, planta/árvore, blusa/vestido), o que gerou alteração no cômputo dos dados da pesquisa. Os resultados desta pesquisa estão presentes na tabela 1.

**Tabela 1:** Aplicação da variante padrão /l/ na análise do fenômeno do rotacismo (SANTANA et al., 2008, p. 151)

Palavras	Aplicação/Total	Percentual	Peso Relativo
<b>Placa</b>	145/160	91%	0,28
<b>Bloco</b>	106/120	88%	0,22
<b>Planta</b>	127/128	99%	0,83
<b>Blusa</b>	127/147	86%	0,20
<b>Flor</b>	175/176	99%	0,88
<b>Globo</b>	152/162	94%	0,39
<b>Total</b>	832/893	93%	-

Após o cômputo de **893 dados**, verificaram que o vocábulo **flor** apresentou maior ocorrência da variante padrão /l/ com porcentagem **99%** e peso relativo **0,88**, enquanto o vocábulo blusa apresentou maior tendência para a variante não padrão /r/ com porcentagem de **86%** e peso relativo de **0,20**. Concluíram que a variante padrão é mais empregada em todas as escolas pesquisadas, pois observaram que os professores ainda utilizam a noção de certo x errado, fazendo com que os alunos tenham somente o contato com a variante considerada “correta”, a imposta pela gramática normativa.

Seguindo a mesma linha de pesquisa, Santos (2011) também estudou o rotacismo nas turmas da 2ª e 4ª séries iniciais do ensino fundamental, em uma escola municipal situada na zona periférica da mesma comunidade linguística. A pesquisadora escolheu categorizar a variável escolaridade para comparar os níveis das turmas e a variável diatópica, pois os alunos provem tanto da cidade como da zona rural, para verificar se a região sociocultural dos alunos revela a sua realidade linguística, como apresenta a tabela 2.

**Tabela 2:** Aplicação da variante padrão /l/ em função da identidade local (SANTOS, 2011, p. 34)

LOCALIDADE	APLICAÇÃO/TOTAL	PERCENTUAL	PESO RELATIVO
<b>CIDADE</b>	<b>675/724</b>	<b>93,2%</b>	<b>0,55</b>
<b>POVOADO</b>	<b>202/217</b>	<b>93,1%</b>	<b>0,31</b>
<b>TOTAL</b>	<b>877/941</b>	<b>93,2%</b>	<b>—</b>

A pesquisa obteve **941 dados** relativos a atividades orais e escritas. Desses dados, 877 ocorrências da variante padrão /l/ e 64 ocorrências da variante não padrão /r/ com o percentual de 93,2%. Desses, 217 dados são referentes aos alunos do povoado com 93,1% e peso relativo de 0,31, já os alunos da cidade apresentaram 724 dados, triplicando em relação ao número de amostras do povoado. Assim, a pesquisadora considerou que o rotacismo

apresentou mais saliência entre os alunos do povoado do que os da cidade, por estes estarem mais próximos da cultura letrada e apresentarem maior aplicação da variedade padrão.

A sua metodologia foi desenvolver instrumentos de coleta pautada no ditado mudo e no ditado falado, utilizando onze palavras: **bicicleta, blusa, chiclete, flamengo, bloco, planeta, placa, globo, planta e flauta**. Depois aplicou um questionário em que os alunos eram levados a escrever o nome das imagens contidas no ditado mudo anterior, ou seja, um ditado visual/escrito e por último aplicou um questionário sociocultural para analisar se a realidade dos discentes reflete nas suas atitudes linguísticas. Os resultados desta pesquisa estão dispostos na tabela 3.

**Tabela 3:** Aplicação da variante /l/ quanto ao estímulo resposta (SANTOS, 2011, p. 36)

MÉTODO	APLICAÇÃO/TOTAL	PERCENTUAL	PESO RELATIVO
ORAL/ESCRITO	313/324	96,6%	*
VISUAL/ESCRITO	424/443	95,7%	0,56
VISUAL/ORAL	453/498	91,0%	0,44
TOTAL	1090/1265	94,4%	-

Após a análise de **1.265 dados**, a pesquisadora notou que diante dos estímulos orais obteve maior incidência do rotacismo, ao contrário do que ocorreu com estímulo escrito. Segundo a autora, a explicação se deve ao fato que, quando falamos, imprimimos a nossa fala traços da cultura oral aliado ao meio em que vivemos. Já, quando escrevemos, estamos diante de eventos de letramento que exigem formalidade e planejamento prévio. Quanto ao nível de escolaridade, podemos observar os resultados obtidos na tabela 4.

**Tabela 4:** Aplicação da variante padrão /l/ quanto ao nível de escolaridade (SANTOS, 2011, p. 37)

SÉRIE	APLICAÇÃO/TOTAL	PERCENTUAL	PESO RELATIVO
2ª	294/349	84,2%	0,16
4ª	583/592	98,5%	0,72
TOTAL	877/941	91,3%	—

Diante do que foi exposto, percebemos que a variante padrão /l/ é mais incidente na fala e na escrita dos alunos da 4ª série e o rotacismo mais incidente na 2ª série. Isso se deve ao fato que a escola supervaloriza essa norma padrão e barra a variante não padrão.

Diante de todo o pressuposto teórico que foi abordado, a partir dessas investigações objetivamos responder às seguintes indagações: como o rotacismo se manifesta em crianças em fase de alfabetização em Ribeirópolis, município interiorano do estado de Sergipe? Será que os professores ainda estão impregnados pelo método tradicional de ensino?

Será que a escola ainda propaga a norma padrão e banaliza as normas não padrão da língua? Será que os alunos conseguem distinguir e correlacionar o uso da linguagem oral com da linguagem escrita? Procedemos essa investigação através da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]) para responder a estas questões. Tomamos como amostra a produção escrita como também a produção oral dos alunos do 1º e do 5º ano de escolas do centro e do povoado na cidade de Ribeirópolis. Baseamo-nos no “contínuo de urbanização”, proposto por Bortoni-Ricardo (2004, p. 52): “ao tomarmos o contínuo de urbanização como metodologia para análise, podemos situar qualquer falante do português brasileiro em um determinado ponto desse contínuo, levando em conta a região onde ele nasceu e vive”. A seguir, damos sequência com os procedimentos metodológicos adotados para análise do *corpus*, o local da pesquisa e todo o desenrolar desta investigação.

## 2 “QUE CAMINHO SEGUIR?”: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, delineamos todo caminho percorrido para a constituição do nosso *corpus* de pesquisa, serão exibidos os processos pelos quais foram constituídas as amostras, as categorias de análise com a descrição dos grupos de fatores dos alunos ribeirãoopolenses no que se refere ao fenômeno fonológico do rotacismo.

### 2.1 FORMAÇÃO DO BANCO DE DADOS

Para a investigação desta pesquisa, os alunos foram convidados a participar de quatro métodos. No primeiro método, os estudantes responderam uma atividade contendo palavras e imagens-frases com 4 assertivas induzidas<sup>6</sup>, julgar com “sim” ou “não”; e por último uma atividade com a música de Luiz Gonzaga intitulada “Asa branca” para assertiva discursiva (ver Anexo 1). A partir destas atividades, formulamos construções linguísticas que englobaram variantes tanto padrão como não padrão, referentes ao rotacismo. Em seguida, selecionamos 10 vocábulos lexicais, a saber: **flecha, blusa, placa, flamengo, cliques, planeta, flor, bicicleta, planta e flauta**.

Depois aplicamos o segundo método, no qual os discentes em sua atitude linguística eram convidados a testar o estímulo visual e fala. Nesse método, os alunos eram chamados individualmente para responder ao teste oral, sendo que as palavras destacadas eram substituídas pelas suas respectivas figuras para que eles fizessem o reconhecimento semântico e fonológico. Eram apresentadas as figuras, uma de cada vez, para que eles respondessem ao mesmo tempo em que realizava a gravação dos dados.

No terceiro método, a turma recebia um questionário contendo as mesmas figuras do teste oral, eles eram levados a escrever os nomes das imagens para testarmos o visual/escrito. Nossa finalidade era testar os alunos para ver se a resposta oral influenciava na resposta escrita. Definimos esse método como ditado mudo (ver Anexo 2).

---

<sup>6</sup> As afirmativas induzidas deve-se ao fato de que os discentes foram levados a escolher apenas uma das duas alternativas expostas – “sim” ou “não”. Os informantes não tiveram outras possíveis opções.

O quarto e último método é o ditado oral, isto é o ditado de palavras muito conhecido pelos estudantes. Ditamos as mesmas dez palavras da atividade anterior, pronunciando os vocábulos uma vez e conforme a variante padrão.

Diante dos métodos apresentados, nosso *corpus* é constituído de **220 amostras de dados orais** e escritos por aluno do 1º e 5º anos do Ensino Fundamental de duas escolas: uma situada na zona rural e a outra na zona urbana, Escola Municipal João José de Mendonça e Escola Edezuíta Araújo Noronha, respectivamente, da cidade de Ribeirópolis/SE.

Propusemos o 1º e o 5º anos para comparar o início e o fim do ensino fundamental menor. Assim, poderíamos corroborar se a escola corrige ou não a variante estigmatizada com o aumento da escolarização. Para a análise quantitativa foram selecionados, primeiramente, 66 alunos, destes, 10 foram excluídos por não terem conseguido responder aos critérios da produção escrita, os quais foram estratificados quanto à escolaridade, faixa etária e localidade geográfica.

## 2.2 LOCAL DA PESQUISA DE CAMPO

Esta pesquisa teve como espaço investigativo duas escolas públicas de Ribeirópolis/SE, uma urbana e a outra rural, respectivamente, Escola Edezuíta Araújo Noronha e Escola Municipal João José de Mendonça.

A Escola Edezuíta Araújo Noronha está localizada no centro da cidade na Rua Robustiano Menezes, ao lado da igreja. Foi construída a mais ou menos 30 anos e, atualmente, está passando por uma reforma para trocar os pisos e pintar as paredes. Mas continua com 6 salas de aula, 1 sala multimídia, 1 secretaria, 1 diretoria, 1 sala de professores, 1 sala de leitura, 1 cantina, 2 pátios, 2 banheiros, 3 professores, 190 alunos matriculados mas 3 não frequentam, oriundos tanto da cidade quanto da zona rural. Oferece o ensino fundamental do pré-infantil ao 5º ano, no turno matutino, já no turno vespertino funciona o projeto Mais Educação. Para a composição do *corpus* da amostra, foram selecionados 34 alunos, dos quais 15 são alunos do 1º ano e 19 são alunos do 5º ano.

Já, a Escola Municipal João José de Mendonça está localizada no povoado Lagoa D' Água no centro do povoado e próximo a igreja. A escola foi construída a mais ou menos 40 anos, mas foi inaugurada em 2008 e está bem conservada estruturalmente. Possui 3 salas

de aula, 1 sala multimídia, 1 secretaria, 1 cantina, 1 pátio, 2 banheiros, 61 alunos matriculados (mas só frequentam 58) oriundos tanto da Lagoa D' Água quanto dos povoados próximos, 3 professores e uma merendeira que é servente ao mesmo tempo. Oferece o ensino fundamental do pré-infantil ao 5º ano no turno matutino e no turno vespertino funciona o projeto Mais Educação. Para a composição do *corpus* da amostra, foram selecionados 21 alunos, dos quais 6 são alunos do 2º ano e 15 são alunos do 5º ano. Convém ressaltar que aplicamos o mesmo teste no 1º ano, contudo os alunos não conseguiram escrever o nome de objetos comuns, pois a maioria ainda não havia sido alfabetizada, portanto, desconhece completamente os encontros vocálicos.

### 2.3 VARIÁVEIS SOCIAIS CONTROLADAS

Depois de caracterizarmos o nosso *corpus*, partimos para a tabulação e codificação dos dados, levando em consideração o tipo de diagnóstico avaliativo (testes) e fatores sociais a que pertencem os discentes entrevistados. Controlamos a **variação diastrática** - *sexo e escolaridade*. Acreditamos que a variável escolaridade<sup>7</sup> influencie no uso ou não do fenômeno em questão na medida em que os alunos avancem de ano, ou seja, a escola ou os professores corrigem o fenômeno como também as outras variedades não padrão da língua portuguesa brasileira, pois a variável escolaridade favorece o uso da norma padrão. Já a variável sexo, como mostra várias pesquisas sociolinguísticas, o sexo feminino tem tendência a utilizar a norma padrão enquanto o sexo masculino a norma não padrão. E controlamos também a **variação diatópica** - contexto situacional: *cidade e povoado*, na escrita e na fala de estudantes ribeirãoopolenses que cursam o primeiro e o último ano, isto é, o 1º e 5º anos da primeira etapa do Ensino Fundamental. Os resultados são discutidos no próximo capítulo.

---

<sup>7</sup> A hipótese levantada não foi confirmada, uma vez que após rodado os dados no programa GoldVarb X, tal variável foi considerada insignificante.



### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

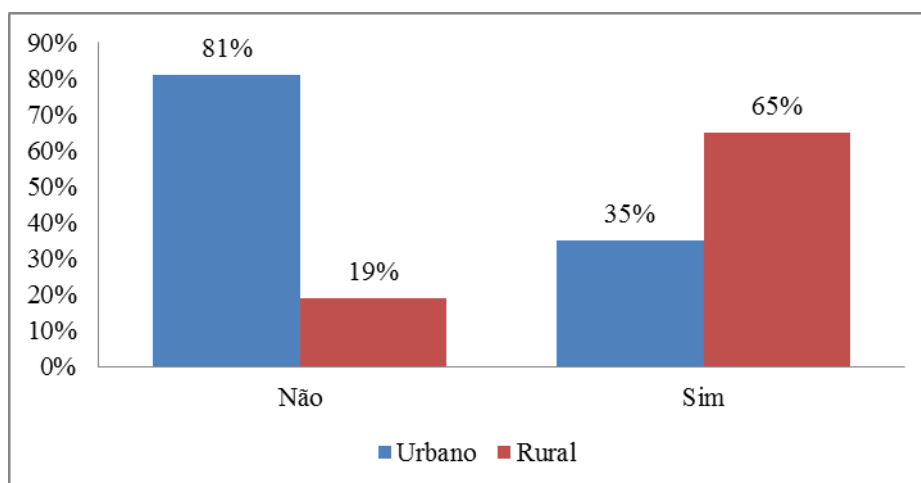
Neste capítulo apresentamos os resultados da nossa pesquisa referente à atitude linguística de estudantes do ensino fundamental menor, como também as possíveis discussões a cerca do rotacismo na escola da rede pública de ensino de Ribeirópolis/SE, com a finalidade de corroborar as hipóteses anteriormente levantadas.

As ocorrências foram codificadas de acordo com o tipo de diagnóstico e fatores sociais (zona e sexo), estas representadas com símbolos pré-determinados pela pesquisadora, depois de completa a codificação, passamos para a análise estatística do pacote GOLDVARB X (depois da rodada no programa o fator escolaridade foi excluído, pois não foi significativo). Posteriormente executou a combinação das variáveis e deu os resultados de percentagem e peso relativo (este, somente, para o diagnóstico Ditado Mudo). Vale ressaltar que as interpretações dos dados são feitas pelo pesquisador, pois as análises estatísticas “são apenas ferramentas para a manipulação dos dados” (VALLE, 2001, p. 59).

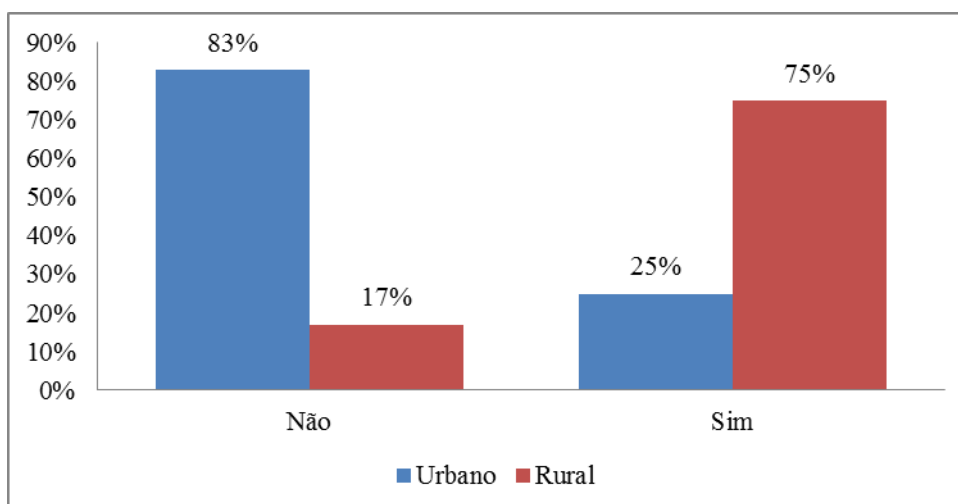
Portanto, avaliamos, quantitativamente, a forma como os alunos do 1º/2º e 5º anos interagem frente ao fenômeno do rotacismo. No primeiro método, as frases são confrontadas de modo que verifiquemos a incidência dos estímulos valorativos, já no segundo método mostraremos os estímulos visual, oral e escrito. Por fim é possível termos um diagnóstico linguístico e social dos informantes.

#### **3.1 DIAGNÓSTICO AVALIATIVO SOBRE O USO DO ROTACISMO – LOCALIDADE GEOGRÁFICA: ZONA RURAL VS. ZONA URBANA**

Nesta seção descrevemos as frases confrontadas de modo que verifiquemos a incidência dos estímulos valorativos para o primeiro método, com assertivas para a escolha de “sim” para a presença do rotacismo e “não” para a linguagem padrão. Cabe destacar que estamos determinando como “localidade geográfica” a zona onde nossos informantes residem. Os informantes que constituem nosso corpus são residentes da zona urbana e da zona rural, da cidade de Ribeirópolis/SE. A seguir apresentamos os gráficos.

**Gráfico 1:** Atividade 1 quanto à localidade geográfica – rural/urbano

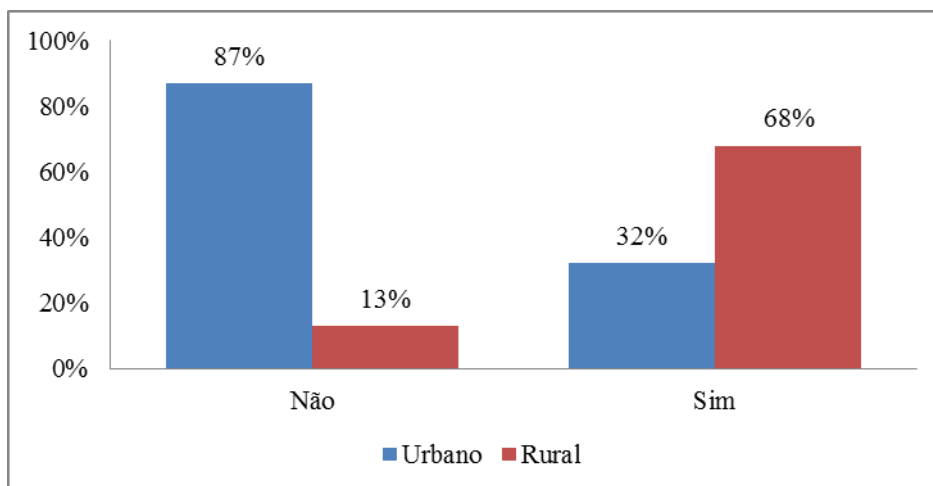
Os resultados cotejados no gráfico 1 referem-se à a seguinte pergunta, baseada em uma placa de carro: *O nome da cidade Frorianópolis está escrito de forma correta?*. A identificação da pergunta que engloba o fenômeno rotacismo foi avaliada como correta, com um percentual de 58%, já como incorreta com 42%. É possível observar que de acordo com a localidade geográfica, os alunos da zona urbana que responderam com *não* representam um percentual de 81% e com *sim* 35%, enquanto a zona rural respondeu com *não* para 19% e com *sim* para 65%. Portanto, compreendemos que, os alunos da zona rural consideram que a utilização do rotacismo no nome da cidade “Frorianópolis”, ao invés de “Florianópolis”, é correto.

**Gráfico 2:** Atividade 2 à localidade geográfica – rural/urbano

Com relação aos dados obtidos no gráfico 2, é possível observar que a identificação da frase contendo rotacismo (*sim*) ou linguagem padrão (*não*) – *O termo “praca cronada” está sendo utilizado corretamente?* – foi avaliada com *não*, com um percentual de 63,5%, já com *sim* com um percentual de 36,5%. Deste modo, para a atividade 2, a maioria

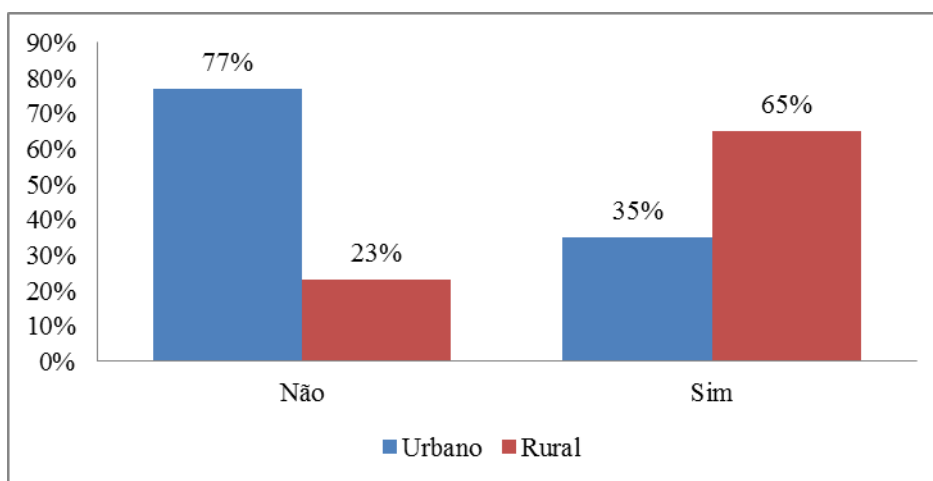
dos alunos avaliou sendo o correto a utilização da forma padrão. Compreendemos que os alunos da zona rural consideram, em maior percentual, o uso do rotacismo como sendo correto, haja vista termos um percentual de 75% para a resposta “sim”.

**Gráfico 3:** Atividade 3 quanto à localidade geográfica – rural/urbano



De acordo com o gráfico 3, os dados apontam que na identificação da frase contendo rotacismo - “Craro! É só apertar este botãozinho aqui I ...” Esta frase está correta? - foi avaliada com *não*, com percentual de 54,5%, já com *sim* com 45,5%. Deste modo, a maioria dos alunos, com uma diferença pequena, avaliou como sendo incorreto o uso da palavra “Craro!”. Analisando a localidade geográfica, os dados demonstram que assim como nos gráficos anteriores a maioria dos alunos da zona rural consideram que o uso da palavra “Craro!” está correto, com um percentual de 68%. Já os da zona urbana responderam como *não*, com um percentual de 87%.

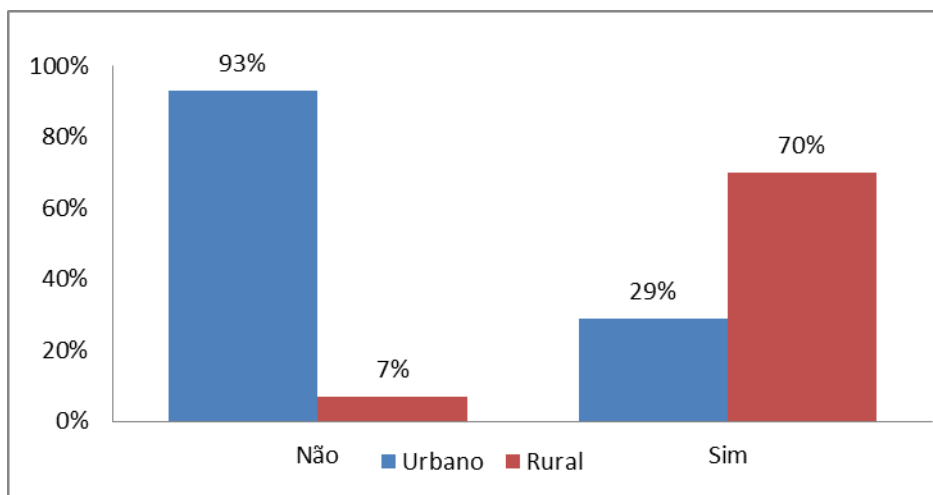
**Gráfico 4:** Atividade 4 quanto à localidade geográfica – rural/urbano



O gráfico 4, mostra que a identificação da frase contendo rotacismo (sim) ou linguagem padrão (não) – “Di como si repranta as mudinha di verdura im otro cantero”! A

palavra “repranta” está correta? – foi avaliada com *não*, com um percentual de 63,5%, já com *sim* com percentual de 36,5%. Deste modo, a maioria dos alunos avaliou com *não*. Com relação à variável localidade geográfica, os dados demonstram que assim como nos gráficos anteriores a maioria dos alunos da zona rural consideram que o uso da palavra “repranta” está correto, com um percentual de 65%. Já os da zona urbana responderam como *não*, com um percentual de 77%.

**Gráfico 5:** Atividade 5 quanto à localidade geográfica – rural/urbano



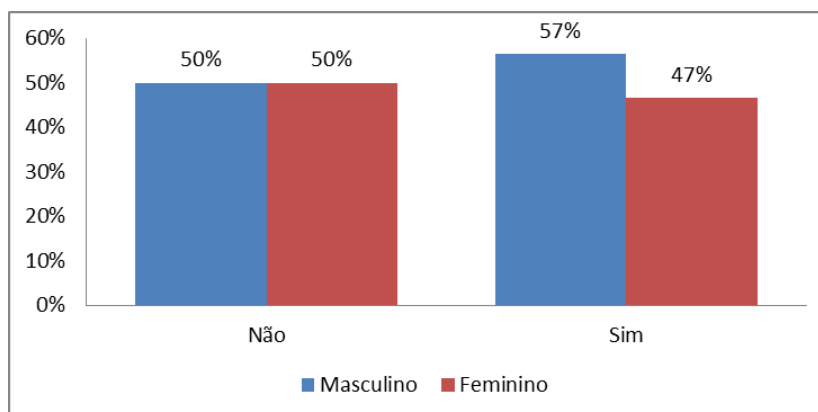
Já o gráfico 5, mostra que a identificação na música “Asa Branca” de Luiz Gonzaga contendo rotacismo (sim) ou linguagem padrão (não) – *O termo prantação está correto?* – foi avaliada com *não*, com um percentual de 51%, já com *sim* com um percentual de 49%. Deste modo, a maioria dos alunos avaliou, com uma diferença de 2%, com *não*. Com relação a variável localidade geográfica, os dados demonstram que assim como nos gráficos anteriores a maioria dos alunos da zona rural consideram que o uso da palavra “prantação” está correto, com um percentual de 70%. Já os da zona urbana responderam como *não*, com um percentual de 93%.

Observando os gráficos acima, concluímos que os alunos residentes na zona urbana responderam *não* na maioria das assertivas correspondente ao uso do rotacismo, enquanto que os alunos da zona rural responderam *sim*. Esse fato corrobora os estudos de Bortoni-Ricardo (2004), que evidenciam que os habitantes da zona urbana, uma vez que tem maior acesso aos meios de comunicação de massa, utilizam mais a norma padrão e as práticas sociais de uso da escrita, por isso adquirem mais rapidamente a linguagem próxima da norma gramatical do que os residentes nas zonas periféricas e rurais. Com relação a esta pesquisa, cabe destacar que as turmas da zona rural são *multiseriadas*, ou seja, tem-se mais de uma série em uma única turma, o que pode contribuir para os resultados obtidos.

### 3.2 DIAGNÓSTICO AVALIATIVO SOBRE O USO DO ROTACISMO - SEXO

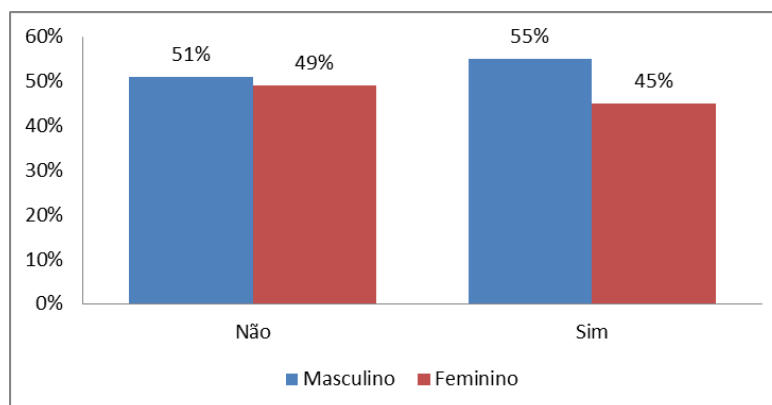
Nesta seção apresentamos o condicionamento da variável sexo no diagnóstico sobre o uso do rotacismo. Tal constatação pode ser observada nos gráficos que se seguem.

**Gráfico 6:** Atividade 1 quanto ao sexo

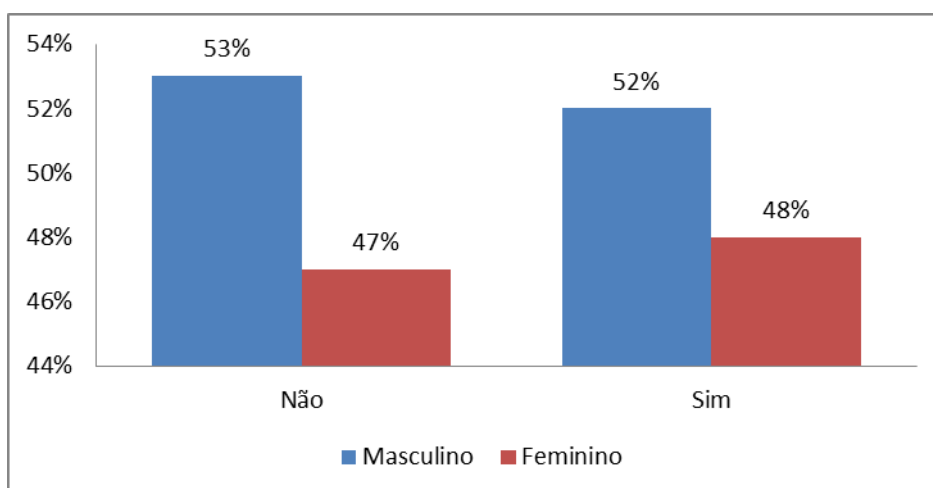


Os resultados obtidos no gráfico 6 referente ao uso do nome “Frorianópolis”. Tal gráfico indica que 50% do sexo masculino responderam *não* e 57% *sim*. No que se refere ao sexo feminino, o gráfico mostra 50%, assim como ocorre com o sexo masculino, respondem que *não*. De acordo com os percentuais obtidos foi possível observar que não há uma discrepância quanto ao sexo, no que se refere ao uso do rotacismo na atividade 1.

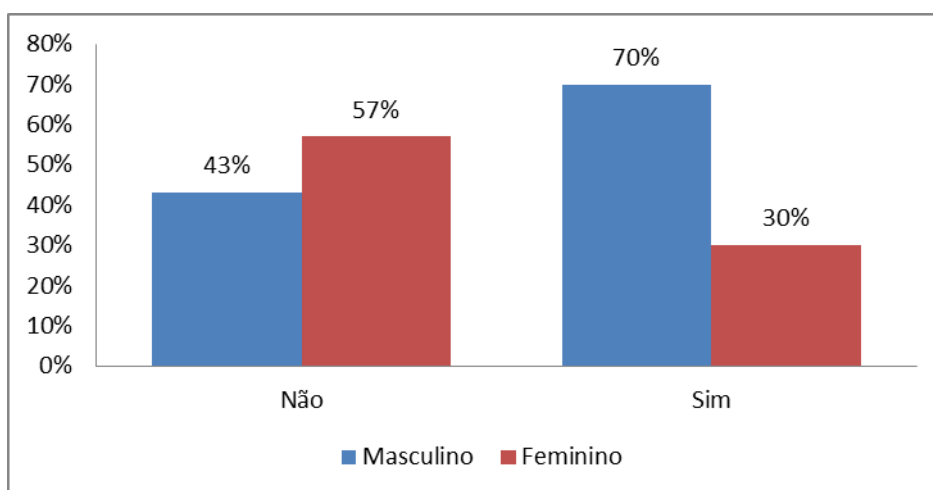
**Gráfico 7:** Atividade 2 quanto ao sexo



Os resultados cotejados no gráfico 7 quanto a identificação da frase contendo rotacismo (sim) ou linguagem padrão (não) – *O termo “praca cronada” está sendo utilizado corretamente?* – constatamos que o sexo masculino respondeu com *não* para 51,% e com *sim* para 55%, enquanto o sexo feminino respondeu com *não* para 49% e com *sim* para 45%. Portanto, compreendemos que na atividade 2, o sexo masculino faz mais uso do rotacismo do que o sexo feminino, ainda que apresente uma diferença mínima.

**Gráfico 8:** Atividade 3 quanto ao sexo

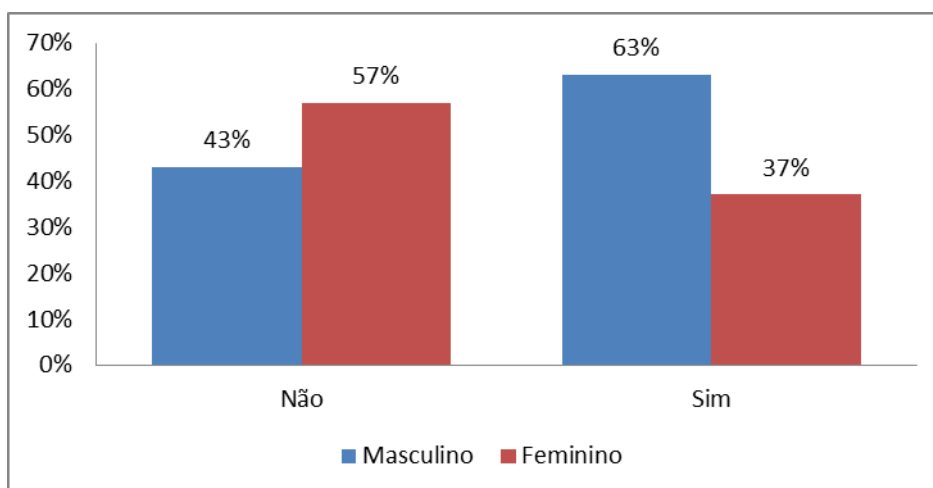
O gráfico 8, mostra que na identificação da frase contendo rotacismo (sim) ou linguagem padrão (não) – “*Craro! É só apertá este botãozinho aqui I ...*” Esta frase está correta? – foi avaliada com *não*, com percentual de 54,5%, já com relação ao *sim*, 45,5%. Deste modo, a maioria dos alunos avaliou com *não*. Com relação a variável sexo, o gráfico aponta que 53% do sexo masculino responderam *não* e 52% *sim*, enquanto que 47% do sexo feminino responderam *não* e 48% *sim*. Portanto, compreendemos que na atividade 3, o sexo não teve tanta influência, haja vista a diferença ter sido de apenas 4%.

**Gráfico 9:** Atividade 4 quanto ao sexo

Com relação ao gráfico 9 - “*Di como si repranta as mudinha di verdura im otro cantero*”! A palavra “*repranta*” está correta? - foi avaliada com *não*, com percentual de 63,5%, já com relação às respostas *sim* tem-se um percentual de 36,5%. Deste modo, para a atividade 4, a maioria dos alunos considera correto o uso de palavras como “*repranta*”, contendo rotacismo. Analisando a variável sexo, verificamos que 43% do sexo masculino responderam *não* e 70% *sim*. No que se refere ao sexo feminino, o gráfico indica que 57%

responderam *não* e 30% *sim*. Portanto, o sexo masculino considerou que o uso de rotacismo em palavras como “repranta” é correto.

**Gráfico 10:** Atividade 5 quanto ao sexo



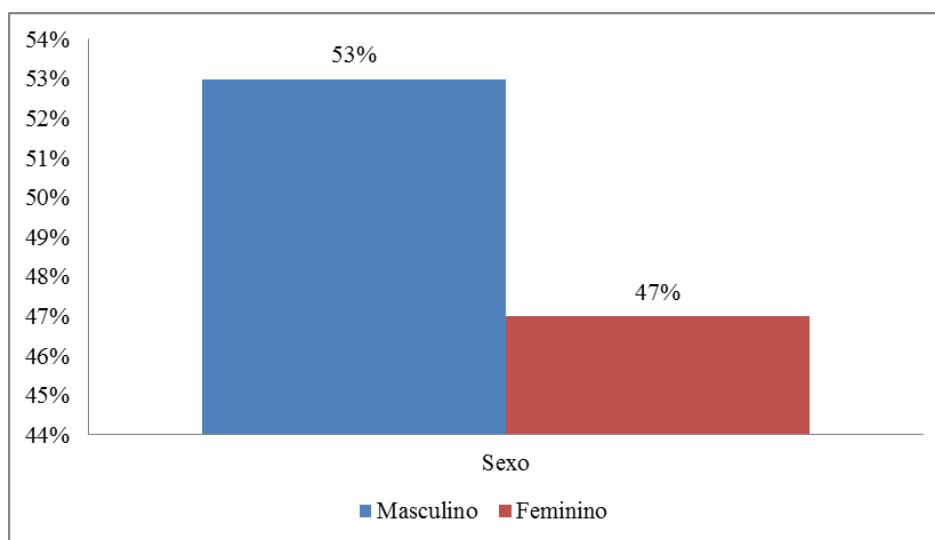
O gráfico 10 referente a uma música de Luiz Gonzaga, da qual foi perguntado aos alunos o seguinte: “O termo prantação está correto?”. Obtivemos um percentual de 51% para a resposta *não*, já para resposta *sim* o percentual foi de 49%. Deste modo, a maioria dos alunos avaliou, como uma diferença de 2%, com *não*. Com relação a variável sexo, compreendemos que o sexo masculino respondeu com *não* com um percentual de 43% e com *sim*, 63%. Enquanto que 57% do sexo feminino responderam *não* e 37% *sim*. Portanto, o sexo masculino considera em maior percentual o uso do rotacismo como correto, na música “Asa Branca” de Luiz Gonzaga. Os testes referentes à música de Luiz Gonzaga não tiveram tanta influência, no que se refere ao sexo como também para localidade geográfica, porque os alunos consideram que em uma música é possível utilizarmos palavras com variação linguística, a exemplo do *rotacismo*.

Observando a motivação desta variável, constatamos que o sexo condiciona a presença do rotacismo, pois os meninos apresentaram maior índice de aceitação do uso do rotacismo em relação às meninas. Esta evidência corrobora nossa hipótese de que as diferenças linguísticas entre homens e mulheres também ocorrem no nível fonológico, bem como os estudos realizados por Mollica (1998) constataam que as meninas são mais sensíveis ao uso de formas linguísticas padrão do que os meninos, os quais são mais sensíveis ao uso de formas linguísticas não padrão.

### 3.3 DIAGNÓSTICO ORAL: FALA

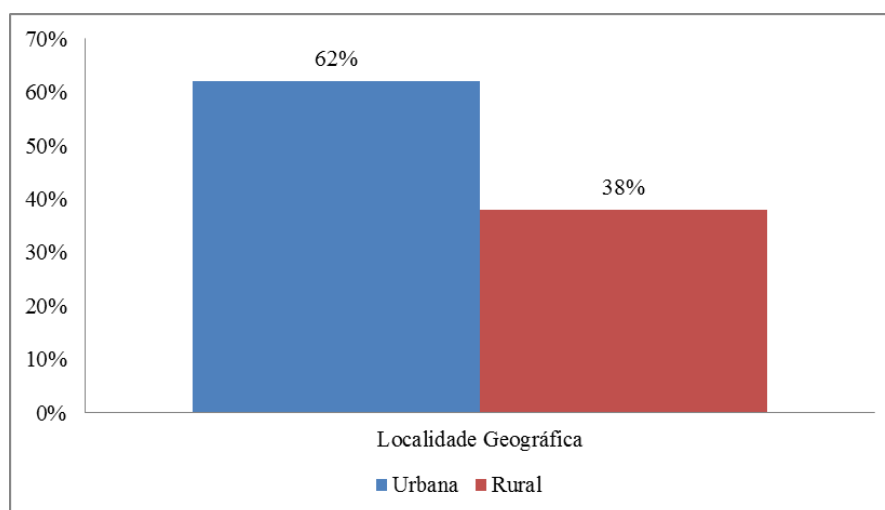
Nesta seção apresentamos o segundo método, no qual os discentes em sua atitude linguística eram chamados individualmente para responder ao teste oral, sendo que as palavras destacadas eram substituídas pelas suas respectivas figuras para que eles fizessem o reconhecimento semântico e fonológico, como podemos perceber nos gráficos 11 e 12.

**Gráfico 11:** Aplicação da variante padrão /l/ em função do sexo



Com relação à variável sexo, os resultados cotejados no gráfico 11, apresentam para o sexo masculino 53% e para o sexo feminino 47%. Portanto, ficou comprovado que o sexo masculino utilizou mais a variante padrão /l/, enquanto que o sexo feminino utilizou mais o fenômeno do rotacismo. Dessa análise, podemos ressaltar que os resultados não corroboram com os pressupostos teóricos de Mollica (1998) e nem com a hipótese levantada nesta pesquisa. Dessa forma, os resultados obtidos refutam a hipótese inicial de que os indivíduos do sexo feminino tenderiam a usar a forma mais padrão e os do sexo masculino recorreriam à forma não padrão. Haja vista, como já havíamos citado anteriormente, as meninas são mais sensíveis ao uso de formas linguísticas padrão do que os meninos, os quais são mais sensíveis ao uso de formas linguísticas não padrão. Portanto, como a fala é espontânea e rápida, essas meninas podem ter ficado intimidadas pela presença de um gravador, haja vista ser uma gravação, por isso não conseguiram monitorar o uso da língua.



**Gráfico 12:** Aplicação da variante padrão /l/ em função da localidade

Já com relação a variável localidade geográfica, de acordo com os dados obtidos nesse gráfico 12, a zona urbana possui 62% enquanto que a zona rural possui 38% (valor referente à variante padrão). Assim, a zona urbana utiliza mais a variante padrão /l/, já a zona rural que faz uso mais do rotacismo. Por isso, esse fato comprova-se através do contínuo de urbanização proposto por Bortorni-Ricardo (2004), o rotacismo é um fenômeno bastante encontrado em falares rurais e rurbanos – formado pelos migrantes da zona rural e comunidades periféricas influenciadas pela zona urbana -, às vezes, até em falares urbanos padronizados.

### 3.4 DITADO MUDO

Nesta seção apresentamos o terceiro método, definido como ditado mudo. Neste a turma foi convidada a responder um questionário com as mesmas figuras do teste oral, eles eram levados a escrever os nomes das imagens para testarmos o visual/escrito. Nossa finalidade era testar os alunos para ver se a resposta oral influenciava na resposta escrita. Os resultados podem ser analisados nas 5 e 6, vejamos.

**Tabela 5:** Aplicação da variante padrão /l/ em função da zona

IDENTIDADE LOCAL	APLIC./TOTAL	PERCENTUAL	PESO RELATIVO
Urbano	277/309	89,6%	0.69
Rural	97/192	50,5%	0.21
Total	374/501	74,7%	-

Na tabela 5 obtivemos 501 dados. Desses dados apareceram 374 ocorrências da variante padrão /l/ e 127 ocorrências do rotacismo /r/. Constatamos que a zona urbana apresentou maior incidência do /l/ com a porcentagem de 89,6% e peso relativo 0,69, enquanto a zona rural apresentou maior tendência ao rotacismo, com porcentagem de 50,5% e peso relativo 0,21. Nessa comparação, os dados obtidos da tabela 13 corroboram os pressupostos teóricos de Bortoni-Ricardo (2004), no contínuo de urbanização os habitantes da zona urbana, uma vez que tem maior acesso aos meios de comunicação de massa, utilizam mais a norma padrão e as práticas sociais de uso da escrita, adquirem mais rapidamente a linguagem próxima da norma gramatical do que os residentes na zona rural.

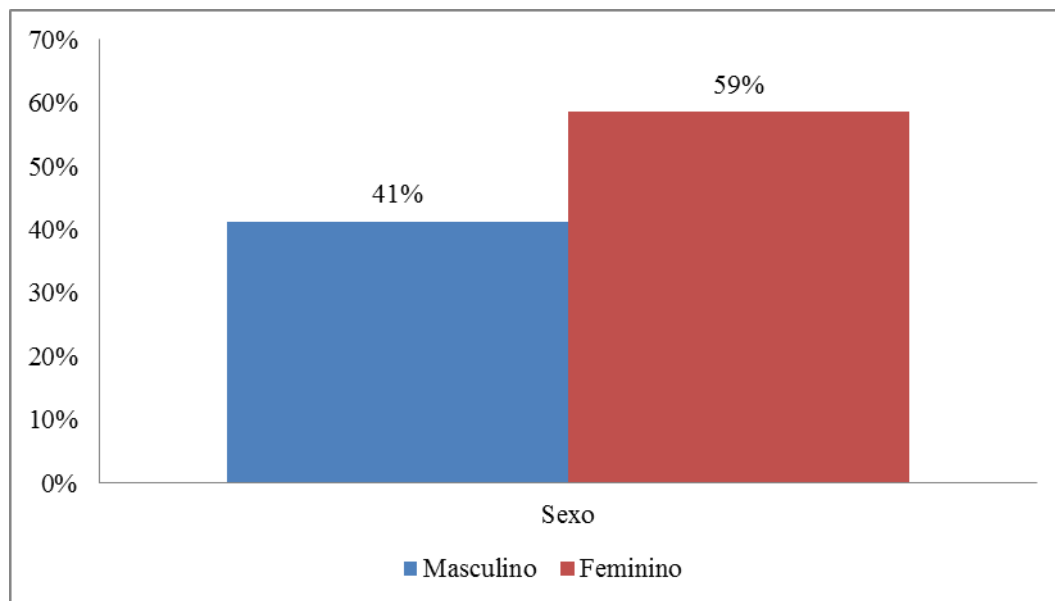
**Tabela 6:** Aplicação da variante padrão /l/ em função do sexo

<b>SEXO</b>	<b>APLIC./TOTAL</b>	<b>PERCENTUAL</b>	<b>PESO RELATIVO</b>
<b>Feminino</b>	211/250	84,4%	0.60
<b>Masculino</b>	175/252	69,4%	0.39
<b>Total</b>	386/502	76,9%	-

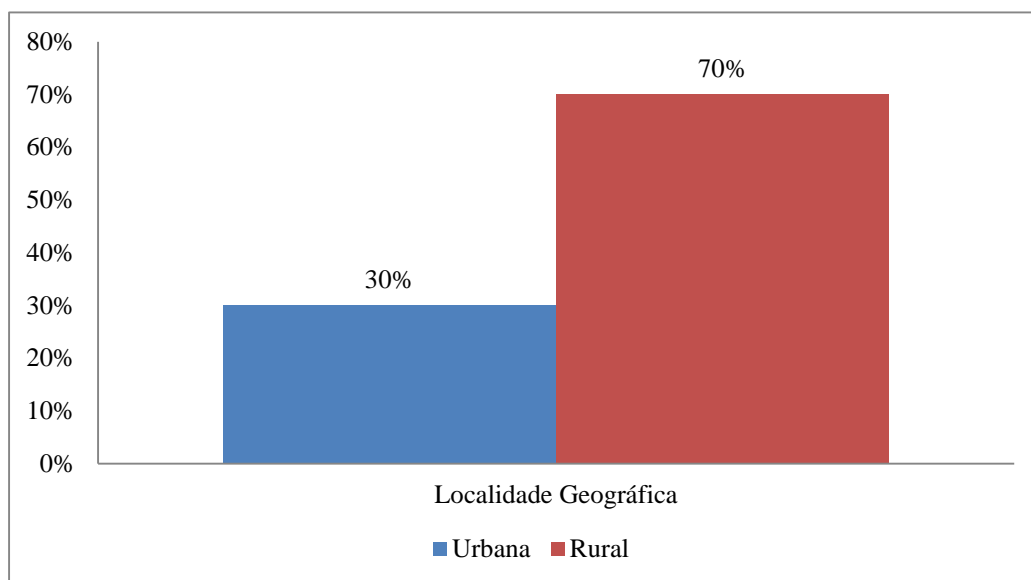
Na tabela 6 obtivemos 502 dados. Desses dados apareceram 386 ocorrências da variante padrão /l/ e 181 ocorrências do rotacismo /r/. Averiguamos que o sexo feminino apresentou maior incidência do /l/ com a porcentagem de 84,4% e peso relativo 0,60, enquanto o sexo masculino apresentou maior tendência ao rotacismo /r/ com porcentagem de 69,4% e peso relativo 0,39. Nessa comparação, os dados obtidos da tabela 6 vão de encontro aos pressupostos teóricos de Mollica (1998), a qual constata que as meninas são mais sensíveis ao uso de formas linguísticas padrão do que os meninos, os quais são mais sensíveis ao uso de formas linguísticas não padrão. Em outras palavras, no diagnóstico do ditado mudo, os meninos utilizaram mais o fenômeno do rotacismo do que as meninas.

### 3.5 DITADO ORAL

Nesta seção, apresentamos o último e quarto método, o ditado oral, isto é o ditado de palavras muito conhecido pelos estudantes. Ditamos as mesmas dez palavras das atividades anteriores, pronunciando os vocábulos uma vez e conforme a variante padrão. Os dados dessa seção aparecem nos gráficos 13 e 14 abaixo.

**Gráfico 13:** Aplicação da variante padrão /l/ em função do sexo

De acordo com os dados cotejados no gráfico 13, a variável sexo apresenta 41% para o sexo masculino e 59% para o sexo feminino. Portanto, ficou comprovado que o sexo masculino utilizou mais o fenômeno do rotacismo no ditado oral enquanto que o sexo feminino fez mais uso da variante padrão /l/. Como já havíamos citado anteriormente, através de Mollica (1998), as meninas são mais sensíveis ao uso de formas linguísticas padrão do que os meninos, os quais são mais sensíveis ao uso de formas linguísticas não padrão. Como a atividade proposta segue a noção de ouvir o que o professor fala, as meninas, por serem mais centradas, seguiram as normas prescritivas. Vale ressaltar, que essas variações entre o falar masculino e o feminino estão relacionados aos papéis sociais que são culturalmente condicionados pelos falantes na comunidade que vivem, ou seja a mulher tende a ser colocada no papel daquela que será, por exemplo, mãe, por isso deve obedecer às normas sociais (FISCHER, 1958 apud PAIVA, 2008).

**Gráfico 14:** Aplicação da variante padrão /l/ em função da localidade

Com relação a variável localidade geográfica, de acordo com os dados obtidos no gráfico 14, observamos que a aplicação da variante padrão /l/ foi mais recorrente nos discentes moradores do povoado, com um percentual de 70%. Assim, a zona urbana utiliza menos a variante padrão /l/ no ditado de palavras. Dessa forma, os resultados obtidos refutam a hipótese inicial, dentro do contínuo de urbanização, de que os indivíduos da cidade tenderiam a usar a forma mais padrão e os do povoado recorreriam à forma não padrão.

Diante dos resultados obtidos, podemos observar que na maioria das atividades propostas a zona urbana é a que mais faz uso da variante de prestígio, enquanto a zona rural utiliza mais a variante estigmatizada; o sexo masculino faz mais uso do rotacismo e o sexo feminino utiliza mais a variante padrão /l/. Entretanto no teste oral (fala), os meninos utilizaram a variante padrão mais do que às meninas. O método mais relevante nessa pesquisa foi o ditado mudo. Depois do ditado mudo, o método mais relevante foi a primeira atividade, a de incidência dos estímulos valorativos com assertivas para a escolha de “sim” ou “não”, sempre considerando as variáveis sexo e localidade geográfica. Contudo a escolaridade não foi relevante.

Em suma, a maioria das hipóteses levantadas foi confirmada, pois ainda há no município de Ribeirópolis/SE a variável estigmatizada intitulada *rotacismo*. A variação linguística é ainda mal interpretada pelas escolas que ainda ensinam na base do *certo x errado*. Na escola da zona urbana, os dados mostram que a maioria dos alunos opta pelo uso da variante padrão, isso pode ser explicado pelo fato de que, mesmo esses alunos terem contado com a variante não padrão, a atuação do professor na escola barra a variante

estigmatizada, porém a supressão do rotacismo /r/ > /0/ é pouco encontrada pelos alunos cujos estão aprendendo a escrever, assim, houve a junção da supressão do rotacismo com os de ataque complexo no banco de dados. Já na escola da zona rural, os alunos optaram mais pelo uso da variante /r/ e /r/ > /0/, esse fato se explica porque a maioria são filhos de agricultores analfabetos ou de baixa escolaridade e usuários da variante estigmatizada, esses alunos usam a variante que ouvem mesmo estando em contado com o ambiente que trabalha a norma padrão. Tendo em vista os resultados obtidos ao longo desta pesquisa, expomos no capítulo a seguir as nossas considerações finais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta discussão se concentrou na investigação do rotacismo. Retomando ao segundo capítulo, delineamos e contextualizamos a fundamentação teórica em que nos amparamos para realização deste estudo, através da Sociolinguística Variacionista de Labov (2008 [1972]) e com as contribuições teóricas de Faraco (2008), Bagno (2009; 2010), Bortoni-Ricardo (2004) e Mollica (1998; 2012). Em seguida, relacionamos o ensino de língua, o papel que a escola desempenha junto às variações linguísticas e como essas variações são abordadas pelos PCNs e pelo PNLD. Descrevemos também, neste capítulo, o conceito de rotacismo através de três abordagens e os estudos já feitos sobre este fenômeno fonológico no lócus de investigação – Ribeirópolis/SE.

No terceiro capítulo, explanamos as características do *corpus* e expomos qual a metodologia utilizada para subsídios desta pesquisa. Seguindo essa linha, no quarto capítulo, analisamos e expomos os resultados e discussões acerca dos quatro métodos propostos em sala de aula aos alunos do 1º e 5º anos da Escola Estadual Edezuíta Araújo Noronha – zona urbana - e da Escola Municipal João José de Mendonça – zona rural -, localizadas em Ribeirópolis/SE, para sabermos qual a avaliação deles a respeito do rotacismo.

A partir dos resultados obtidos, entendemos que na maioria dos métodos propostos para essa investigação, os fatores relevantes foram à localidade geográfica e o sexo. A zona urbana é a que mais faz uso da variante de prestígio, enquanto a zona rural utiliza mais a variante estigmatizada. O sexo masculino faz mais uso do rotacismo e o sexo feminino utiliza mais a variante padrão /l/, entretanto no teste oral (fala), os meninos utilizaram a variante padrão mais do que as meninas.

Com base nos nossos resultados, as hipóteses levantadas foram confirmadas, pois ainda é constante o uso da variável estigmatizada no município de Ribeirópolis/SE. As escolas ainda ensinam na base do *certo x errado*. Na zona urbana, os dados mostram que a maioria dos alunos opta pelo uso da variante padrão, porém a supressão do rotacismo /r/ > /0/ é encontrada pelos alunos que estão aprendendo a escrever. Já na zona rural, os alunos optaram mais pelo uso da variante /r/ e /r/ > /0/ estigmatizada, esses alunos usam a variante que ouvem mesmo estando em contato com a escola que trabalha a norma padrão.

No tocante aos métodos utilizados na investigação, estamos cientes de que apresentam algumas limitações: o corpo de análise é pequeno, tivemos um período curto para

desenvolvê-lo, algumas figuras provocaram duplo sentido, por exemplo, *planeta – mundo; blusa – vestido; planta – árvore; cliques – pregador*.

Mostramos também que o rotacismo é um fenômeno carregado de estigmas, por isso, os falantes que pronunciam “pranta”, “pobrema”, “simpres”, “chicrete”, “frores”, “brusas” são discriminados pelos falantes que não utilizam esse fenômeno forte e estigmatizado. Todavia, devemos parar de rotular o rotacismo e outras variáveis como “erro”, mas, sim entender que é, somente, outra maneira de comunicação.

Por fim, ressaltamos que podemos dar sequência a presente pesquisa, em outra ocasião, por exemplo, é possível ampliar a fundamentação teórica e o corpus de análise. Cabe destacar que, segundo Bortoni-Ricardo (2004, p. 35), “a pluralidade cultural e a rejeição aos preconceitos linguísticos são valores que precisam ser cultivados a partir da educação infantil e do ensino fundamental”. Assim como nota a autora, recomendamos que esta pesquisa auxilie, futuramente, a graduandos que desejem trabalhar com a variação linguística em sala de aula e contribua para os professores melhorarem o ensino de língua portuguesa, partindo ao combate do preconceito linguístico, além de conscientizar e respeitar as diferentes formas de variedades linguísticas.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A. S.; BARRETO, E. A.; CARVALHO, E. S. S.; FREITAG, R. M. K.. Vamos plantar flores no grobo da terra: estudando o rotacismo nas series iniciais da rede municipal de ensino de Moita Bonita/SE. **RevLet – Revista Virtual de Letras**, v.2, p.17 – 31, 2010.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico**. São Paulo: Editora Loyola, 2009.

\_\_\_\_\_. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística na sala de aula**. 3ª Ed. São Paulo: Parábola Editora, 2010.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a Sociolinguística em sala de aula**. 4ª Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BRASIL, S. de E. F. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: Secretária de Educação Fundamental, 1998.

CAMARA JR., J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2007.

COSTA, L. T. da. **Estudo do rotacismo: variação entre as consoantes líquidas**. 2006. 167 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006.

\_\_\_\_\_. **Abordagem Dinâmica do Rotacismo**. 2011. 173 f. Tese (Doutorado em Letras) – Curso de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná, Florianópolis, Curitiba, 2011.

COUTINHO, I. de L. **Gramática Histórica**. 7ª. Ed. Rio de Janeiro: Editora do Livro Técnico, 1976.

COX, M. I. P.; ASSAD, C. F. O ele e o erre só trazem 'complicação' – um estudo das representações de /l/ e /r/ na escrita de crianças em processo de alfabetização. **Revista de Educação Pública**, v. 8, n. 13, p. 143-156, 1999.

DIDA, K. S. **Ensino de leitura: por uma pedagogia da variação linguística em escolas rurais**. 2013. 55 f. Relatório de pesquisa (Projeto de Iniciação Científica – PIBIC/COPES). Universidade Federal de Sergipe – UFS, Itabaiana, 2013.

FARACO, C. A. **Norma-padrão brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

FREITAG, R. M. Ko. Entre norma e uso, fala e escrita: contribuições da sociolinguística à alfabetização. **Nucleus**, v.8, n.1, abr.2011.

GOMES, C. A.; SOUZA, C. N. R. de. Variáveis fonológicas. In: Mollica, M. C.; Braga, M. L. (orgs.). **Introdução à sociolinguística**. - 4ª Ed., 1ª reimpressão. - São Paulo: contexto, 2012. p. 73-80.



LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de BAGNO, Marcos; SCHERRE, Marta Pereira e CARDOSO, Caroline R. São Paulo: Parábola editorial, 2008.

MOLLICA, M. C. **Influência da fala na alfabetização**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 2000.

MOLLICA, M. C. BRAGA, M. L. (orgs.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. - 4ª Ed., 1ª reimpressão. - São Paulo: contexto, 2012.

SANTANA, A. R.; DANTAS, J. J.; SANTANA, M. J. B.; GUEDES, M. L.; FREITAG, R. M. K.. O tratamento do rotacismo nas séries iniciais da rede municipal de ensino de Ribeirópolis. In: SILVA, L. R.; FREITAG, R. M. K. (org.). **Linguagem e representação discursiva**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2008. p. 147-155.

SANTOS, S. S. **“Hoje tem framengo e fruminense na Grobo”**: o tratamento do rotacismo na 2ª e 4ª A da escola municipal Leniza Menenzes de Jesus. 2011. 47 f. Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, UFS, Itabaiana, 2011.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S., SMITH, E. **Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows**. Department of Linguistics of University of Toronto, Department of Mathematics - University of Ottawa, 2005.

TARALLO, F. **A Pesquisa sociolinguística**. 8ª ed. São Paulo: Ática, 2007.

WEIREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006.

## **ANEXOS**

## ANEXO A – ATIVIDADE SOBRE ROTACISMO

Aluno: \_\_\_\_\_

Escola: \_\_\_\_\_ SÉRIE: \_\_\_\_\_ IDADE: \_\_\_\_\_

RESIDE EM: ( ) RIBEIRÓPOLIS ( ) POVOADO SEXO: ( ) FEMININO ( ) MASCULINO

### Atividade 1



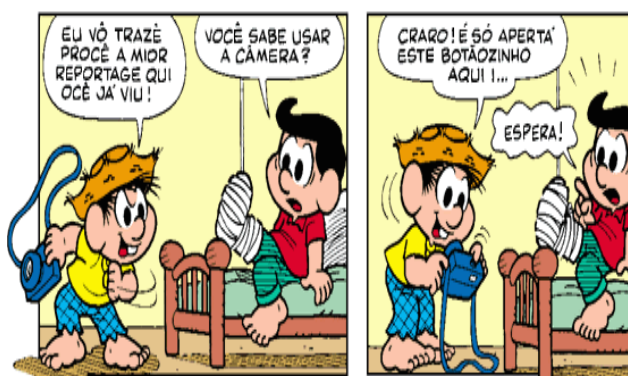
**‘Praca cronada’** Ladrão de carro derrapa no Português e é preso pela polícia por causa de uma placa cionada.

O nome da cidade está escrito de forma correta?

( ) sim ( ) não

O termo “praca cronada” está sendo utilizado corretamente?

( ) sim ( ) não



“Craro! É só apertá este botãozinho aqui I ...”  
Esta frase está correta?

( ) sim ( ) não



“Di como si repranta as mudinha di verdura im otro cantero”!

A palavra “repranta” está correta?

( ) sim ( ) não

## Atividade 2

### Asa Branca

Luiz Gonzaga

Quando olhei a terra ardendo  
Qual a fogueira de São João  
Eu perguntei a Deus do céu, ai  
Por que tamanha judiação  
Eu perguntei a Deus do céu, ai  
Por que tamanha judiação.

Que braseiro, que fornalha  
Nem um pé de **prantação**  
Por falta d'água perdi meu gado  
Morreu de sede meu alazão.

(...)

- 1) De acordo com o seu conhecimento sobre língua portuguesa, você considera correto à utilização da palavra **prantação** na música? Por quê?

---

---

---

**ANEXO B – DITADO MUDO**

Aluno: \_\_\_\_\_ Série: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

Escola: \_\_\_\_\_ Sexo: F M



\_\_\_\_\_



\_\_\_\_\_



\_\_\_\_\_



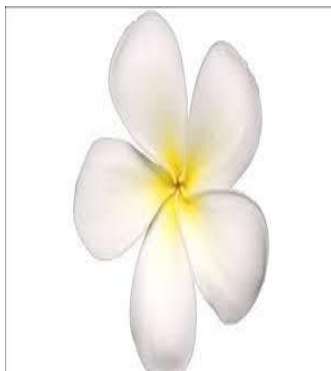
\_\_\_\_\_



\_\_\_\_\_



\_\_\_\_\_



\_\_\_\_\_



\_\_\_\_\_



\_\_\_\_\_



\_\_\_\_\_